Henry Alfred Bugalho

# FANTASMAS VAMPIROS, DEMÔNIOS

## E HISTÓRIAS DE OUTROS MONSTROS



oficina

HENRY ALFRED BUGALHO

# Fantasmas, Vampiros, Demônios e histórias de outros Monstros

*O Covil dos Inocentes*
*By Henry Alfred Bugalho*

*Copyright Oficina Editora 2013*

# Contrata-se um Ghostwriter

Eleonor Schneider, diante da máquina de escrever, se preparou para redigir o livro da sua vida.

Ler “São Bernardo” a encantou, a narrativa simples de Paulo Honório; refletiu que também deveria tentar. Mas ela não era nenhum Graciliano Ramos e, assim que a página em branco foi ajeitada, o peso das palavras oprimiu Eleonor. Não sabia o que dizer, nem como.

— Por que você não contrata um Ghostwriter? — Marieta, amiga de infância de Leonor, sugeriu.

— O que é isto?

— Algo comum nos Estados Unidos, amiga. “Escritor-fantasma”, em português, você paga alguém para colocar suas ideias no papel e, no final, quem recebe os créditos é você. Mais fácil, impossível.

Proposta tentadora. De fato, resolveria muitos problemas estruturais de sua narrativa, o primeiro deles: como colocar num livro setenta anos de história pessoal, três casamentos, uma viuvez, um filho morto em acidente de carro, uma filha doutora na Suíça, Eleonor sobrevivendo a um acidente de avião (com mais cinco outras pessoas). Todas aquelas coisas, grandes ou triviais, que indivíduos comuns consideram imprescindíveis de serem escritas num livro, para o bem-geral da humanidade e da posteridade.

Por isto, na manhã seguinte, Eleonor anunciou no jornal:

*“Contrata-se um Ghostwriter, para livro autobiográfico”*.

Logo começaram os telefonemas e as visitas. Candidatos com currículos, constando as editoras com as quais trabalharam, catálogo de clientes satisfeitos, trechos de suas obras. Eleonor os avaliava como se selecionasse um quarto marido: não bastava ter ótimas qualificações, tinha de ser simpático, não podia ser feio (ser bonito não era imperioso, mas feio, nem pensar!), e com horários extremamente maleáveis, pois as melhores ideias de Eleonor ocorriam de madrugada, ou seja, disponibilidade para receber

telefonemas às três ou quatro da manhã.

E tal pessoa só poderia ser Pietro della Fontana, vinte e tantos anos, olhar profundo, sorriso sincero e, de acordo com ele, pelo menos dois livros publicados na Itália. Apesar do português com sotaque, um conhecimento gramatical impecável; não trouxe currículo, mas apenas um pedaço de guardanapo, no qual, diante da própria Eleonor, redigiu um parágrafo, descrevendo-a.

A viúva se encantou com os adjetivos a ela atribuídos:

— Quando podemos começar, meu filho?

Três vezes por semana, Pietro vinha à casa de Eleonor, geralmente após a hora do jantar. Eles tomavam chá na sala de estar, Eleonor contava sua vida a Pietro, mostrando-lhe fotos esmaecidas, por vezes, algumas relíquias de família; este tomava notas de tudo, num caderninho velho com folhas amareladas. Riam juntos dos momentos pitorescos; choravam juntos dos trágicos.

— Estou tão feliz com minha escolha, Marieta! — Eleonor no telefone — O rapazinho é atencioso e dedicado. Amanhã, trará as primeiras páginas do que escreveu.

Mas Pietro della Fontana não cumpriu o prometido. Ao invés dum manuscrito, trouxe apenas o velho caderno de notas.

— Mas você prometeu, Pietro!

— Desculpe-me, Eleonor, eu deveria ter-lhe explicado o meu método de trabalho antes de começarmos. Você só terá acesso ao texto quando eu houver terminado. Então, revisaremos juntos e faremos as modificações.

— Mas você prometeu!

— Foi um deslize que não se repetirá.

A confiança de Eleonor nele foi abalada. No entanto, agora que os trabalhos já haviam começado, iriam até o fim.

Uma ideia brilhante despertou Eleonor, sobre como iniciar o próximo capítulo. Sentada na cama, discou o número de Pietro; ninguém atendeu.

— Atenda, Pietro! É importante — ela sussurrava. Secretária eletrônica.

— Pietro, aqui é Eleonor, ligue para mim o mais rápid... — não concluiu; tinha certeza de haver ouvido passos na escada. Desligou o telefone, vestiu o

penhoar e abriu uma fresta na porta. Mesmo estando tudo escuro, uma sombra se lançava de baixo para cima, na escada, por causa do fraco abajur na sala. Eleonor teve medo. E se fosse um assaltante? Um estuprador (há quase uma década que ela não sabia o que era ter um homem dentro dela)? E se fosse um psicopata assassino em série?

Eleonor apagou a luz e correu para dentro do closet. Arfava. Coração na boca. O invasor mexeu na maçaneta, a porta do quarto se abriu, um vulto entrou e caminhou diretamente para o closet. Encostou a cabeça na porta.

— Eleonor, — murmurou — sou eu, você me chamou. Eu vim.

Os pelos da viúva se arrepiaram, conhecia a voz, mas, tomada pelo pânico, não raciocinava. Permaneceu em silêncio.

— Sou eu, Pietro... — a voz insistiu.

Poderia ser uma emboscada, uma armadilha. O bandido poderia tê-la espiado e investigado a todos com quem ela mantinha contato. Mas a voz era mesmo de Pietro. Lentamente, ela abriu o closet.

Os olhos profundos do rapaz a fitavam, à distância dum palmo:

— O que você está fazendo dentro do armário, Eleonor? — ele riu.

— O que é que você está fazendo aqui em casa, a esta hora da madrugada? — a raiva da senhora era muito inferior ao medo — Saia daqui agora! Saia, saia, saia!

— Calma, Eleonor, eu trouxe alguns rascunhos para você dar uma olhada. Achei que não deveria deixá-la esperando.

— Não vou repetir, rapaz. Se você não for embora agora, serei obrigada a chamar a polícia.

Pietro trajou uma decepcionada expressão. Com um maço de papéis sob o braço, deu a volta e desapareceu escada abaixo.

Eleonor tremia, havia perdido o sono, tinha medo de descer e confirmar se Pietro havia realmente partido. Ficou sentada na beira da cama, abraçando-se, aguardando o sol nascer.

— História esquisita esta que você me contou, amiga — Marieta apoiava a cabeça no punho cerrado, pensativa.

— Vou cancelar o contrato com ele. Não quero mais saber de ele escrevendo minha história. Quem deu a ele direito de vir até minha casa, entrar sem ser convidado?  Não quero mais saber.

— E se ele for perigoso, Eleonor? Ele pode querer se vingar de você. Talvez seja melhor você descobrir mais coisas sobre ele. Eu gostaria de

conhecê-lo.

— Por favor, não me peça isto.

— Confie em mim, Eleonor. Você sabe como é minha intuição. Uma olhada neste rapaz e já vou saber se ele é de boa índole.

Eleonor aquiesceu. Ligou para Pietro e marcou um jantar, na casa dela, para aquela mesma noite.

— Ele já deve estar para chegar — Eleonor apertava as mãos, enquanto Marieta dispunha a mesa para três.

A hora combinada chegou e Pietro, sempre inacreditavelmente pontual, não apareceu.

— Algo deve ter acontecido — Marieta racionalizava — É apenas um atraso.

— Ele descobriu tudo. Percebeu que se tratava duma arapuca — o olhar de Eleonor saltava de janela em janela, temendo que alguém as estivesse observando.

Ficou tarde, e lá fora começava a chover.

— Ele não vem, amiga. E já está na minha hora. Cuide-se e, qualquer coisa, saiba que pode contar comigo — Marieta abraçou Eleonor e partiu.

Dez minutos depois, alguém bateu à porta. *É Marieta, esqueceu-se da sua sacola de bordados,* Eleonor pensou.

Com a sacola em mãos, Eleonor atendeu a porta:

— Aqui está... — disse, sorridente, mas logo os dentes se esconderam, à porta estava Pietro.

— Desculpe-me o atraso, Eleonor — ele estava todo encharcado — Meu carro enguiçou. Tive de caminhar até aqui.

Sem convidá-lo a entrar, Eleonor sugeriu:

— Quer que eu ligue para um mecânico?

— Não precisa. Só preciso dum lugar para passar à noite. Amanhã, quando estiver dia, eu mesmo posso consertar o carro.

— Você não pode ficar aqui, Pietro. Sinto muito.

— Por que não, Eleonor? Nós nos tornamos tão íntimos nestas últimas semanas — havia algo de macabro neste “tão íntimos”.

Ele avançou e afastou Eleonor com o braço. Retirou o casaco e o dependurou no cabide.

— Posso dormir no sofá mesmo — ele retirou as botas, Eleonor estática,

maçaneta da porta aberta numa das mãos, sacola com bordados na outra.

— Feche a porta, Eleonor, está vindo um vento gelado de fora.

Ela obedeceu.

Mesmo se trancando no quarto, Eleonor não estava sossegada. A recordação da outra noite a inquietava, jurava estar ouvindo Pietro andando lá embaixo, emitindo grunhidos como se fosse um bicho, subindo a escada, respirando perto da fechadura, e descendo a escada novamente. Ela se cobriu com o lençol, era como se Pietro estivesse dentro do quarto, prestes a puxar o lençol e sussurrar:

— Você me chamou... Eu vim.

Outra noite insone. Eleonor se levantou e olhou pela janela: as árvores castigadas pelo vento e pela chuva oblíqua. Foi até a penteadeira e apanhou o porta-retrato no qual a foto de Teobaldo, seu finado esposo, sorria. Um tímido reconforto, fugidia segurança; viu-se no espelho, olheiras proeminentes, cabelos despenteados, e, atrás de si, quase invisível, quase uma névoa, a silhueta de Pietro. Num grito, quase um soluço, Eleonor se virou. Nada, apenas sua imaginação; delírios causados pela falta de sono.

Pietro já havia partido quando Eleonor deixou o quarto; na mesinha de centro, um bilhete.

*Obrigado pelo teto. Vemo-nos em breve.*

Aliviada, Eleonor tratou de ligar para Marieta, mas quem atendeu não foi ela; a voz era de alguém mais jovem:

— Eu gostaria de falar com Marieta. Aqui é a Eleonor.

— Ai, Eleonor, mamãe faleceu ontem à noite.

— Meu Deus, Renata, o que aconteceu?

— Ainda não sabemos... Eu a encontrei na cama.

— E ela sofreu? — Eleonor perguntou.

— Gostaria de dizer que teve uma morte tranquila, mas o rosto dela... Era como se estivesse com medo. Dizem que pode ter sido um ataque do coração. A funerária acabou de levá-la.

Eleonor chorava. Se soubesse que nunca mais veria a melhor amiga, não teria lhe dado apenas um abraço; beijaria-lhe a face e agradeceria por todos estes anos de companheirismo.

Devia fazer uma última visita a ela, a sós. Foi até o necrotério. No semblante, aquelas mesmas feições descritas pela filha como sendo de medo. O que Marieta tinha a temer? Ou era apenas um ataque cardíaco mesmo?

Com o pretexto de apanhar as roupas para o velório, Eleonor obteve permissão de Renata para entrar na casa da morta.

Logo que abriu a porta, encontrou pegadas de lama, que desapareciam após poucos passos. Porém, ao contrário do esperado, havia pegadas de quatro pés, dois possivelmente de Marieta, dois, bem maiores, dum homem. Alguém havia estado com Marieta, naquela mesma noite chuvosa. As pegadas pequenas desapareciam antes; as grandes, seguiam até perto do sofá. Eleonor as acompanhou, então, avistou, sob uma poltrona, apenas a pontinha duma folha de papel.

Ela se abaixou e a puxou para fora. Era uma folha velha de papel, amarelecida, escrita com letra pequena e apressada, exatamente igual às folhas do caderno de Pietro, exatamente como a caligrafia dele.

Eleonor leu o que estava escrito:

**Capítulo 47**

*Marieta não percebeu que alguém a havia seguido. Por razões muito importantes, queria-na morta; ela poderia ser um entrave na missão dele; poderia pôr tudo a perder.*

Desesperada, com a certeza de que a morte de Marieta não havia sido natural, Eleonor correu para a delegacia mais perto.

Os policiais riram da hipótese dela, leram o pedaço de papel, especularam que poderia ser uma coincidência mórbida, mas, sob insistente pedido de Eleonor, aceitaram fazer uma busca da ficha criminal de Pietro della Fontana. Nada, mas um escrivão ouviu o nome e comentou:

— Pietro della Fontana? Este cara deve estar usando um nome falso!

— Por quê? — o outro policial perguntou.

— Este é o nome dum famoso escritor italiano. Minha esposa está fazendo uma dissertação de mestrado sobre a obra dele. Morreu uns oitenta anos atrás, acho.

A constatação foi dura para Eleonor, ela não tinha o nome verdadeiro do criminoso, o telefone que ele havia dado a ela estava fora de área, a polícia nem acreditava no que ela dizia.

Foi embora da delegacia com a sensação de impunidade, de que não conseguiria justiçar a morte da amiga. Na saída, porém, se deparou com o escrivão, cuja mulher conhecia a obra de della Fontana.

Suplicou-lhe ajuda, entregou-lhe seu endereço e lhe pediu que solicitasse à esposa que mandasse para ela algumas informações sobre Pietro.

Marieta foi velada e sepultada. De luto, olhos inchados de tanto chorar, Eleonor, ao chegar em casa, apanhou a correspondência. Havia um gordo envelope. Nele, um maço de documentos sobre Pietro della Fontana. Fotos, fac-símiles de manuscritos, biografia, bibliografia. Tudo, desde a foto até a caligrafia, o Pietro, escrito italiano, morto em 1926, mestre do gênero fantástico e de terror, se assemelhava ao Pietro, o ghostwriter.

Eleonor se trancou no quarto, e leu linha por linha o material que tinha em mãos. Descobriu que Pietro havia se mudado da Itália para esta cidade, e a casa na qual faleceu ficava a poucas quadras da de Eleonor. Seu Pietro, o ghoswriter, era um rapaz muito esperto, estava tentando assustá-la, querendo se passar por um escritor morto, mas com qual intenção? Com qual propósito?

Ela adormeceu sobre os papéis, exausta pelas noites insones e pela vigília ao corpo da amiga. Mas despertou, calafrios na espinha e ouvindo alguém respirando, bem pertinho de seu ouvido.

— Você me chamou, Eleonor.... Eu vim.

Instintivamente, relembrando seus tempos de meninice, quando ela e a irmã rezavam juntas um Pai-Nosso, quando tinham medo de que o Saci viesse, durante os verões no sítio, Eleonor começou a rezar.

— Ainda falta um último capítulo, Eleonor. Depois, vou embora.

Sim, o último capítulo era sobre ela.

Os vizinhos reclamavam dum tremendo mal-cheiro. Ligaram para as autoridades e descobriram que vinha da casa de Eleonor. O corpo se decompunha há mais de um mês. Excetuando a filha doutora, que não dava a mínima para a mãe, ela não tinha parentes vivos, mais nenhum amigo próximo, ninguém havia dado falta por ela. Foi encontrada na cama, rosto contorcido, como quem sofreu muito. Ataque do coração, disseram.

Sobre a mesa de jantar, um manuscrito, letra pequena e apressada, autoria de Pietro della Fontana. O investigador, que coincidentemente havia sido o

mesmo a quem Eleonor havia recorrido, um mês atrás, resolveu dedicar alguma atenção ao caso.

Descobriu que Eleonor havia comprado este manuscrito num antiquário do Centro, pela bagatela de cem reais. Provavelmente, não conhecia o autor, mas deve ter se impressionado pela antiguidade do documento e, talvez, pelo valor histórico.

A escrita de Pietro era poderosa e, possivelmente impressionada pela narrativa de terror, deve ter tido alucinações; acreditado ter visto o autor, ter falado com ele, ter pedido a ele que escrevesse sua autobiografia. A obra adquirida por ela era desconhecida dos pesquisadores, muitos reputaram-na como apócrifa, mas foi incluída, posteriormente, no corpus do autor como obra póstuma. O que o investigador jamais compreendeu, nem queimou os neurônios tentando compreender, foi a coincidência de nomes entre os personagens do livro com as pessoas da vida real — Eleonor, Marieta, o próprio Pietro —, mas, às vezes, a arte imita a vida, noutras, a vida imita a arte, concluiu.

*Nova York*
*25/06/2007*

# O Bicho Roncador

Zé Carlos engatilhou a espingarda, abriu uma fresta na porta e espiou.

— O bicho ‘tá lá fora, Maria! — ele tremia.

— Deixa, Zé. Aqui dentro ele não faz nada... — Maria, incerta.

— Que nada, mulher. Você não ouviu a história do Tião. O bicho comeu uma criança já.

— Mentira, Zé. O Tião só fala mentira!

— Mas olha, olha o ronco do bicho. Ele ‘tá rondando.

E estava mesmo. Era possível ouvir o caminhar dele, a respiração profunda, rosnar dum tigre.

Zé Carlos disparou para fora, Maria com mãos unidas, rezando.

— Foi embora — Maria, desesperada.

— Não sei. Acho que não.

O ronco aumentou, o som das patas mais perto, Zé Carlos tremia, Maria também.

— Fecha a porta, Zé, fecha!

Mas não deu tempo, quando Zé a encostou e se preparava para trancá-la, o monstro deu uma trombada, derrubou Zé e estraçalhou Maria. Depois, foi embora. Zé chorando sozinho, espingarda na mão trêmula.

— Mentira, Tião! Este bicho não existe — Pedro tragava o cigarro de palha.

— Mentira não, Pedro; meu amigo Zé Carlos que não me deixa mentir. Agora me vou, só não esqueça de trancar a porta.

Pedro não obedeceu, mas, quando ouviu o ronco fora de casa, se arrependeu.

Tião nunca mentia.

*Nova York*
*03/06/2007*

# O Abraço

Como poderia me esquecer da primeira vez que vi Mariana?

Um colega de trabalho, empolgado com os rumores, me arrastou ao apartamento dela. Na cozinha, uma dezena de outros homens, silenciosos, fitando a menininha pré-adolescente, frágil, marias-chiquinhas, olhar vazio.

A mãe dela nos instigava a começarmos.

— Podem fazer o que quiser com Mariana. Eu lhes garanto que ela não sentirá nada.

Um tal de João, caminhoneiro, boné e tatuagem no braço roliço, se adiantou. Diante da menina, hesitava:

— Ô, dona, já ouvi muita histórias sobre sua filha e vim ver com meus próprios olhos. Mas não quero machucá-la.

— Vá em frente, João, ela vai aguentar — a mãe respondeu.

O bruto estalou os dedos, e esmurrou Mariana na cara. Sem se mover, nem gemido, nem hematoma, Mariana permanecia impassível. João prosseguiu na pancadaria, socos, tapas, empurrões e chutes. Mariana, ao contrário do esperado — choros, gritos e ossos quebrados —, respondeu com apenas um erguer de braços, queria abraçar João.

O coração se apertou no meu peito. Aquela menina, com talvez onze ou doze anos, dava a mais profunda lição de cristianismo: sendo atacada, amava seu inimigo; apanhando, dava a outra face.

Ofegante, após haver espancando Mariana no chão, pisado-lhe a cabeça e o corpinho, João aguardou que ela se levantasse, completamente incólume.

— Inacreditável! — ele balbuciou.

— Quem é o próximo? — indagou a mãe contente, recebendo dez reais do caminhoneiro.

A imagem daquela menina me assombrou por dias, a cena dela apanhando dum homem atrás do outro, sempre com aquele olhar sem vida, com os braços lânguidos ensaiando um abraço, pele e ossos que pareciam borracha, invulneráveis à dor e ao dano.

Amaldiçoei meu colega por ter me levado até ela e pedi para que não me convidasse mais. Aos poucos, a recordação daquela noite foi se apagando.

Porém, um circo foi montado na cidade e prometi à minha irmã que

levaria meus sobrinhos para verem o palhaço e o elefante.

— Queremos ver a menina-borracha! — meus sobrinhos gritaram em uníssono quando viram o cartaz com uma menina franzina sendo atingida pelo soco dum truculento. Mariana me escapou das trevas do inconsciente.

Pagamos os dois reais do ingresso e adentramos a tenda. Vislumbrei a mãe de Mariana num canto, ao lado do palco, e isto me deu a certeza de que a menina-borracha e Mariana eram a mesma pessoa. A demonstração circense foi muito parecida com a daquela noite na cozinha: homens fortes esmurrando uma menina indefesa, cuja única reação era um abraço irrealizável.

Creio que foi naquela noite que tomei a decisão de matá-la. Mariana não tinha um semblante triste, mas era como se ela não existisse. Talvez ela padecesse de alguma disfunção rara, que não a permitisse sentir nada, nem dor, nem prazer também. Qual sentido há em ser apenas uma pedra, sem sensações, sem toque? A vontade de matá-la era compaixão em mim. Enquanto a mãe queria explorar sua doença, eu, um estranho, queria salvá-la dela.

Posteriormente, a visão de Mariana na TV, recebendo o mesmo tratamento que a vi tendo nas vezes anterior, reforçou minha decisão.

Aguardei na rua, diante do prédio. Ao ver a mãe de Mariana saindo, corri e subi até o oitavo andar. Bati à porta e quem abriu foi Mariana, sem dizer palavra e oculta pela penumbra. As luzes estavam apagadas e a única claridade fugidia era da televisão acesa na sala.

Sem se importar comigo, Mariana caminhou em direção à sala. Entrei, fechei a porta, retirei a faca da cintura e sussurrei:

— Mariana, vim libertar você.

Ela se virou e, com um olhar mais impenetrável do que antes, me respondeu:

— Tolo! Você nunca conseguirá o que quer.

Ouvir sua voz fez minhas pernas tremerem. Aquela não era voz dum ser humano, muito menos duma menininha de doze anos. Tive medo, mas, mesmo assim, caminhei em direção a ela. Ao ver-me me aproximando, Mariana estendeu os braços, aquele abraço que sempre considerei como sendo uma resposta de amor extremo, mas eu sabia agora que aquele era um abraço de ódio. Mariana não tinha doença alguma, ela não era humana; se existisse o diabo, ou alguma entidade malévola, Mariana seria a encarnação dele.

Acertei a primeira facada no pescoço da menina. Ela abraçou minha cintura. Esfaqueei-a na cabeça, mas, assim como acontecia com socos, não consegui machucá-la; por outro lado, o abraço dela era forte, tão forte que eu quase perdia o fôlego. E quanto mais eu tentava feri-la, mais forte ela apertava. Mariana me fitava com os olhos vazios e, pela única vez desde que eu a conheci, ela me deu um sorriso. Eu havia vindo para libertá-la, mas o aprisionado era eu. Mariana não era o reflexo do amor incondicional, ela era a expressão do ódio.

Na manhã seguinte, a mãe de Mariana me encontrou, sem vida, nos braços dela, coluna vertebral estraçalhada, órgãos esmagados. A perícia policial foi conclusiva em favor de Mariana, legítima defesa — faca com minhas digitais.

Todos sabiam do poder que a menina tinha para resistir aos ataques, mas ninguém conhecia a força sobrenatural dela. Por isso, daquele dia em diante, nas demonstrações públicas de Mariana, as mãos delas eram amarradas nas costas. Os abraços cristãos enquanto apanhava, não mais.

*Nova York*

*29/05/2007*

# Caçador de Vampiros?
# Não, é sobrevivência!

Na terceira página do tablóide *AM New York* de 2 de julho de 2007, aparece, numa nota discreta, com título **“Pássaro ‘vampiro’ atacado”**, uma reportagem sobre um pavão agredido por um jovem.

O tipo de notícia que passa despercebido por aqueles que não conhecem o drama de Jim, como chamaremos o rapaz para preservar seu anonimato, morador de Staten Island, NY, Ensino Médio recém-concluído.

Jim não é diferente de mim ou de você; lê X-Men e gosta de filmes de terror, quanto mais trash melhor. Recentemente, completou sua coleção de “A Hora do Pesadelo” e tem procurado no EBay e com colecionadores o raro filme dirigido James T. Flocker, “Ghosts The Still Walk”. Tem suas manias, seus hábitos, seus medos, como todos nós.

Porém, desde o começo deste ano, Jim acreditava que uma vampira o perseguia. Conheceu-a numa festa na casa dum amigo, conversaram pouco, sobre Igrejas Góticas e a invasão dos godos ao Império Romano, mas a menina deixou a festa com outro jovem, gótico como ela.

Ao interrogar colegas, descobriu seu nome e e-mail. Ele era tímido, por isto, muito mais fácil dizer o que pensava através da palavra escrita do que em diálogos, e logo a troca de mensagens eletrônicas esquentou.

No MSN, fizeram sexo virtual, mas Jim mal se aguentava para transar de verdade com Suzanne para, finalmente, aos dezessete anos, perder a virgindade.

Combinaram uma data, Jim emprestou o carro da mãe e, após buscar Suzanne em casa, dirigiu até uma área desabitada.

Beijos e amassos, mão dentro da calcinha, chupões no pescoço; Suzanne se interessava particularmente pelo pescoço. Chupava, chupava até doer.

— Tenho outra coisa para você chupar... — Jim baixou o zíper da calça, lembrando-se da fala de algum vídeo pornô que vira na Internet. Não convenceu a menina, que continuava grudada em sua jugular. Constrangido, e talvez assustado, Jim tentou afastá-la, não conseguiu, sua mão, cheia de sangue. Apesar de sua fixação por filmes de terror, Jim era o tipo de pessoa

que não podia ver sangue. Desde quando caiu de bibicleta, aos dez anos, e sofreu uma fratura exposta no fêmur, qualquer machucadinho com sangue era suficiente para fazê-lo desmaiar. Sangue na mão? Jim apagou.

Acordou sozinho, no banco do motorista. Torcicolo e zíper aberto. Sangue coagulado na gola da camiseta e na palma da mão. No retrovisor, dois buraquinhos na garganta. *Suzanne era uma maldita vampira!*, não havia conclusão mais óbvia.

Cortou relações com a menina, não respondia e-mails, não ia a festas nas quais sabia que ela estaria, instruiu sua mãe a dizer que ele estava doente, caso uma menina de cabelos lisos, delineador nos olhos, Ankh dependurada no peito e roupas pretas procurasse por ele.

Após um mês insistindo, Suzanne aparentemente desistiu de Jim.

No entanto, numa noite, após Jim haver assistido a uma reprise de "A Hora do Espanto", filme escroto, mas divertido, ele teve a impressão de ouvir ruídos na janela. Abriu a cortina e só viu a copa das árvores, e, do outro lado da cerca, as luzes apagadas dos vizinhos que dormiam.

Não estava com sono; na Internet, procurou por fotos eróticas. Batia uma punheta quando novamente ouviu ruídos na janela. Ergueu os shorts do pijama e fiscalizou mais uma vez o que poderia estar acontecendo. Nada. Subiu a janela, enfiou a cabeça pra fora. Nada. Estendeu os braços para baixar a janela, quando um morcego, mocho, ou outra ave noturna, voou por baixo de seu sovaco e entrou no quarto.

Jim se apavorou. Não tinha medo de passarinhos, que isso! Mas levou um baita susto quando aquele bicho passou raspando por ele. Deixou a janela aberta e vasculhou o quarto. Acendeu a luz, mas não conseguiu encontrar a ave. Talvez fosse apenas uma corujinha, ou até mesmo uma mariposa. De mariposas não tinha medo, só nojo. Mas nada que o impedisse de dormir.

Preferia deixar a janela aberta, caso o bicho decidisse partir, mas fazia um pouco de frio naquela noite, por isto, foi obrigado a fechá-la, desligou o computador (o pinto já estava mole mesmo), apagou a luz e se deitou. Dormiu um sono leve, acordou várias vezes, sempre com a estranha sensação de estar sendo observado.

Num reflexo, cobriu-se com o lençol. Quando criança, tinha medo de que o monstro do armário saísse e pegasse seu pé. Não havia agonia maior do que cobrir a cabeça com o lençol, e descobrir os pés. Sempre o temor de que o

bicho viesse e pegasse uma de suas partes. Jim se lembrou disto, encolhido debaixo do lençol.

Então, barulho de asas. A ave estava dentro de seu quarto, talvez sobrevoando-o. Jim tremia, suava até. O bater de asas cessou, alguém estava no pé da cama, uma mão segurou o lençol e começou a puxá-lo. Jim lutou para se manter coberto, aquela frágil proteção contra o mal, 75% algodão, 25% poliéster, mas foi derrotado. O lençol lhe foi arrancado. Suzanne o observava, olhos em brasa, dentes afiados. A vampiresa avançou, detendo Jim, que se debatia, segurando-lhe com força desmedida. Dentes direto no pescoço; Jim perdeu a consciência.

Os amigos de Jim riram da cara dele quando ele lhes contou a história.

— Culpa destas merdas de filme que você assiste — lhe responderam. E Jim nem poderia contar com o auxílio deles para matar a desgraçada da sanguessuga.

E, a cada dia que passava, Jim se tornava mais servo de Suzanne. O sangue que ela sugava dele, enfraquecia-lhe a mente, turvava-lhe o raciocínio. Como que hipnotizado, toda noite, ele abria a janela e permitia a entrada de Suzanne, que o dominaria, que o debilitaria. E ela sempre assumia formas diversas, morcego, coruja, um cão negro ou lobo, como da vez quando Jim foi acampar com amigos na floresta e, sozinho na mata, foi surpreendido por Suzanne, que nunca o deixava em paz.

A sensação de inescapabilidade, de que Suzanne só descansaria quando ele houvesse morrido, ou se tornado uma criatura repugnante como ela, fez com que ele assumisse uma postura de macho.

Abriu a janela, como o usual, e aguardou até que Suzanne, metamorfoseada em morcego, entrasse no quarto. Armado com um bastão de beisebol, passou a investir contra ela, acertando duros golpes e repelindo-a para fora.

— Agora sim vou lhe ensinar uma lição!

Jim correu para fora de casa e acompanhou do vôo atordoado do morcego, que passou por cima do telhado de uma casa, desaparecendo na direção do Burger King. Ainda empunhando o bastão, Jim alcançou o estacionamento da lanchonete, viu um pavão e teve certeza de que Suzanne havia mudado de forma para enganá-lo.

Arrebentou o pavão, que não morreu, mas foi eutanasiado dias depois

pelo Centro de Controle de Animais.

Felicia Finnegan, atendente do Burger King, apressou-se para fora.

— O que você está fazendo? — perguntou a Jim.

— Estou matando um vampiro! — Jim respondeu.

A polícia foi chamada, mas Jim, com medo da punição e de que ninguém, como ocorreu com seus amigos, acreditasse nele, fugiu.

Hoje à noite, descobri que Jim foi encontrado morto na floresta, feridas abertas no pescoço. Disseram ter sido presa dum raro morcego-vampiro. Mas quem acreditaria em mim se eu resolvesse contar a verdade?

E Suzanne está por aí, dançando nas festas de adolescentes, à procura por um novo namorado.

*Nova York*
*02/07/2007*

# O Livro dos Hereges

Sei do que sou acusado. Nestes últimos dias, vocês viram quantas mentiras disseram sobre mim, que sempre fui um homem violento, que havia ameaçado minha mulher várias vezes antes. Mentiras! Mentiras!

Vejo a minha cunhada ali, sentada, fulminando-me com o olhar. Foi o ódio dela por mim que me arrastou ao tribunal, a querer minha execução. Eu a entendo, também quereria a mesma coisa se minha irmã fosse assassinada; também adoraria ver meu cunhado morto, se cresse ser ele o culpado.

Mas sou inocente, juro, ouçam-me e julguem por si próprios.

Todos aqui conhecem minha reputação como bibliófilo. Não me estenderei muito sobre o assunto, mas é notório que há na minha biblioteca a primeira edição de “O Contrato Social” de Rousseau, uma Bíblia do século XII, o manuscrito de *Die Welt als Wille und Vorstellung* de Schopenhauer, entre milhares de outras raridades, inveja para colecionadores ao redor do globo.

Ano passado, empreendi uma viagem de negócios a Istambul; vagando pelas ruas da cidade, adentrei um antiquário. Entre inúmeros artigos interessantes, chamou-me a atenção um códice em grego bizantino, com belíssimas ilustrações e iluminuras, que adquiri pela bagatela de cinquenta libras.

Em meio a tantas aquisições desta viagem, malas e mais malas, mal me recordava do códice. Mas, há um mês, organizando minha biblioteca, descobri este incrível exemplar e comecei a estudá-lo. Talvez vocês não saibam, mas o grego bizantino não é muito diferente do *koiné*, o grego bíblico, do qual possuo razoável domínio.

O material não era muito interessante por si, um relato da fundação e queda duma seita herética na Capadócia, entre os séculos X e XII, que acreditavam que Jesus fosse, na verdade, um enviado de Satanás. O argumento dos hereges não era dos mais convincentes: por ser Satanás o senhor do mundo material (Jó 1: 7), apenas ele poderia conceder poder a um mortal para curar doenças, multiplicar alimento, caminhar sobre as águas; para sustentar tal crença, eles se baseavam num documento apócrifo,

conhecido como “O Evangelho de Iscariotes”, relatando que a traição de Judas Iscariotes havia se fundado na descoberta de que a trajetória do nazareno não passava duma encenação, na tentativa de associá-lo ao Messias das profecias torânicas, e arrebanhar o apoio da ala reformista da comunidade farisaica. Além disto, Judas constatou que havia severas distorções da Lei nas pregações de Jesus, e que muitas delas podiam ser associadas ao culto de Baal.

Apesar de improvável, narra-se que os hereges foram erradicados por uma campanha maciça de assassinatos coordenada pela Igreja Ortodoxa.

Pode parecer frívola esta minha descrição do conteúdo do códice, porém, após dedicar dias examinando o exemplar, deparei-me com uma sentença inusitada, descontextualizada, como se houvesse sido escrita diretamente a mim. Sem adicionar palavras ou omiti-las, a tradução da sentença era a seguinte:

*William Turner, na oitava noite de março, virei buscar tua esposa.*

O pasmo no olhar de vocês era tal qual o meu assombro. Como meu nome aparecia, em grego bizantino, num códice medieval? E o que significava tais palavras? Quem viria buscar minha esposa? Por quê?

Tive dificuldades para dormir, atormentado pela macabra profecia. A cada dia que passava, minha angústia crescia, oito de março se aproximava e, em pouco tempo, eu confirmaria ou não a veracidade da ameaça.

Lembro-me bem daquela data, eu e Margareth acordamos cedo e cavalgamos pela propriedade; almoçamos na casa dos meus sogros, passamos a tarde na biblioteca, Margareth lendo Jane Austen, eu jogando xadrez com o sogro. Às sete, retornamos para casa, ceamos e nos recolhemos. Eu estava apaziguado, o dia estava quase concluído e ninguém, nem nada, havia vindo buscar Margareth.

Timidamente, ouvi o relógio do átrio anunciando que faltavam quinze minutos para a meia noite. Margareth dormia tranquila, por isto, levantei-me e desci até a biblioteca, procurei pelo códice, mas ele não estava na prateleira onde eu o havia deixado. Isto me enfureceu, ninguém tinha autorização para entrar e mexer nos meus livros; na manhã seguinte, os criados receberiam uma bela reprimenda.

Mas logo avistei o códice caído no canto da biblioteca, aberto. Com ele

em mãos, tentei encontrar a passagem e, quem sabe, zombar dela agora. Folheei-o, mas não conseguia encontrá-la. Eu havia marcado a página, mas alguém, deliberadamente, havia feito questão de retirar a indicação.

Foi quando senti uma presença no cômodo. Mesmo a biblioteca estando completamente iluminada, tive a impressão de estar nas trevas, um forte cheiro me cercou, meus pelos se eriçaram. Involuntariamente, minhas mãos tremiam, o códice balançando nelas. Meus olhos encontraram a passagem, mas esta já não era a mesma.

*William Turner, estou aqui.*

Não sei o que me aconteceu, mas, quando voltei a mim, minhas mãos estavam ensanguentadas, o punhal birmanês cravado no peito de Margareth, faltando poucos instantes para a meia-noite. Se fiz algo, fi-lo dominado por alguma força demoníaca. Não sou culpado!

O tribunal não acreditou em palavra alguma de William Turner e o condenou à forca.

Mas o magistrado desejava ver o códice mencionado pelo réu. Um oficial foi até a propriedade do condenado, vasculhou a biblioteca e encontrou o volume.

O juiz Smith havia aprendido *koiné* com seu pai, padre da Igreja Anglicana e tradutor, nas horas vagas, de versículos bíblicos. Abriu o livro aleatoriamente e, por aquelas ironias do acaso, encontrou a sentença, acompanhada de calafrios, odor de enxofre e trevas:

*Edward Smith, estou aqui.*

*Nova York*
*25/07/2007*

# O caso Romero

Eu percebi que você andava estranho, meu filho, quando você parou de sair de seu quarto, ficava o dia inteiro diante do computador, não queria comer, não queria mais conversar comigo, mal dormia, havia se recolhido a um desconhecido mundo interior.

Depois, fiquei sabendo que os filhos de amigos meus também passavam por isto, mas já era tarde demais. Numa manhã de domingo, despertei ao ouvir sua mãe engasgando ao meu lado na cama. Vi você com as mãos esticadas, estrangulando-a, olhar vidrado e boca escancarada. Parecia que havia sido dominado por alguma entidade diabólica, nem lembrava o meu filho querido, a quem eu tanto amava e havia criado debaixo do mesmo teto por dezessete anos. Só de pensar que você iria para a universidade em poucos meses meus olhos já se enchem de lágrima.

Tentei libertar sua mãe da sua fúria, mas você era muito mais forte do que eu. E ela já estava morta, assim, você avançou contra mim, com os braços estendidos, lutamos, você me jogou contra a parede e tentou me morder, mas consegui escapar, trancando-o no quarto. Podia ouvir sua respiração do outro lado e você se chocando contra a porta fechada, como um robozinho de brinquedo que encontra um obstáculo.

Naquele mesmo dia, tal qual uma obra orquestrada, milhares de outros jovens mataram seus pais e mães, seus irmãos e as irmãs, seus colegas de quarto, seus companheiros de trabalho, suas esposas ou maridos, suas namoradas e seus amigos.

Eles foram presos ou internados em hospitais psiquiátricos, mas, na semana seguinte, incontáveis outros casos semelhantes se repetiram em outros lares. Para cada rapaz ou moça encarcerado, outros cem apareciam, numa progressão geométrica assustadora.

Ninguém conseguia explicar quais foram as razões porque o mundo foi invadido por esta espécie de zumbis naquele verão. A primeira versão dos canais de comunicação culpava algum tipo de vírus desconhecido, depois que se tratava de alguma arma biológica terrorista, até que pesquisadores passaram a investigar novas hipóteses, como de uma temível droga sintetizada por haitianos, até acusaram um famoso vídeo da internet que

supostamente estaria hipnotizando os jovens, fazendo-lhes lavagem cerebral.

O fato é que os ataques começaram simultaneamente nos boroughs afastados de Nova York, nas comunidades hispânicas da Flórida e na periferia de Paris. Depois se espalhou pelo restante dos EUA e Europa e, em julho, já se registrava casos em todos os continentes, com pessoas das mais diversas classes sociais e etnias.

Não ocorreu como se supunha, um retorno de morto-vivos de além da tumba vagando pelas ruas com roupas em frangalhos e membros mutilados. Foi muito mais sutil, bem menos perceptível, quando nos demos conta, o mundo já havia mudado de maneira drástica. Cogito que devia se tratar de alguma patologia psiquiátrica. Se a depressão havia sido a doença do século XX, eu diria que esta zumbificação será considerara a doença dos nossos tempos, isto se a nossa espécie sobreviver.

Alguns psiquiatras batizaram estes incidentes com um nome complicado, mas a mídia os chamava de casos Romero, uma estranha homenagem ao cineasta que consagrou os zumbis em filmes.

A guarda nacional foi acionada e instauraram toque de recolher em muitas cidades americanas, mas a crise parecia não ter solução. A cada dia que passava, mais e mais assassinatos.

Até que em 12 de agosto a situação saiu totalmente de controle. O presidente evacuou a Casa Branca e recomendou que as pessoas se protegessem da melhor maneira possível. Os sobreviventes saquearam lojas de armas e supermercados, muitos lacraram suas casas com tábuas de madeira e arame farpado, muitos evacuaram as metrópoles, mas morreram nas estradas do país atacados por erráticas hordas destes monstros.

Durante todo este tempo, eu e você nos isolamos aqui neste apartamento. Sei que você está doente, por isto não lhe entreguei para a polícia. Quando ouvi sobre os outros casos, concluí que você não tinha culpa, era apenas um rapaz enfermo precisando de ajuda, mas agora que o mundo está no limite do fim, quando somente zumbis vagam pelas ruas, quando a comida está quase acabando, quando eu sei que em breve morrerei aqui sozinho, já não sei mais como reagir.

Amanhã, tentarei deixar o apartamento e rumar para o nosso chalé nas montanhas. Será quase impossível, mas não posso mais ficar aqui. Vou deixar você trancado, pois, se alguém encontrar a cura para esta maldição, juro que retornarei para salvá-lo.

Por favor, perdoe-me, mas não posso mais...

*Buenos Aires*
*1/12/2011*

# Os Estranhos Habitantes de Soledad

A família sempre reputou minha tia-avó como louca. Mas família é família, e se faz necessário encontrar um bode-expiatório, determinar quem é a ovelha negra. Assim, tem-se farto material para fofocas quando há reuniões familiares, e o comportamento misantropo de Joaquina só favorecia esta situação.

Talvez ela fosse realmente louca, ou apenas excêntrica. A verdade é que ela — por opção? — nunca havia se casado; uma aberração, se comparada às irmãs, que não apenas se casaram, como botaram no mundo dúzias de filhos, redundando em uma centena de netos.

Joaquina lutou pelos direitos da mulher na juventude, organizou grupos de teatro, redigiu manifestos contra o Estado Novo, foi presa, apanhou, opôs-se à Guerra Mundial e à exploração da classe trabalhadora, foi exilada no Chile e, quando retornou, finalmente obteve reconhecimento em sua carreira literária com obras de cunho feminista, se se procurar, é possível encontrar o nome dela na listagem dos Mais Vendidos da VEJA, durante o mês de setembro, em meados dos anos 80.

Com o dinheiro dos livros, Joaquina comprou um terreno no interior e construiu uma mansão. Convidou-me várias vezes para visitá-la, tinha-me em grande consideração (porém, a recíproca não era verdadeira), mas sempre encontrei escusas para me eximir da obrigação.

Mensalmente, ela me escrevia uma carta, perguntando-me como eu estava e repreendendo-me pela demora em lhe corresponder. Como um fardo, eu me forçava a mandar um cartão de felicitações nos Natais e nos aniversários dela; contudo, nos últimos cinco anos, negligenciei até esta obrigação, mas as cartas de Joaquina nunca falharam. Depois de um tempo, nem abri-las mais eu abria. Entretanto, após o falecimento dela, aos noventa e três anos, eu me arrependi da indiferença que dispensei a ela e reli todas as cartas, que reunidas, comporiam facilmente um livro.

A minha surpresa foi quando o testamenteiro de Joaquina bateu à minha porta, informando-me de que minha tia-avó havia me legado a mansão no interior, com todos os móveis nela contidos. Minha esposa ficou

particularmente entusiasmada, mas este presente de grego me preocupou. Provavelmente, a habitação deveria estar em estado lastimável, já que Joaquina vivia uma vida de reclusão eremítica, não deveria conter nada de valor, e ainda teríamos de arcar com os custos legais para transferência da propriedade para meu nome, pagar imposto, sem sabermos se recuperaríamos este dinheiro com a venda da herdade.

Perfizemos os trâmites legais e eu já estava pronto para anunciar a venda do casarão, mas minha esposa insistiu para que eu fosse até lá e visse o que ela continha, crente de haver algo de nosso interesse. Aquiesci, afinal de contas, eu estava de férias e ainda faltavam dez dias para retornar ao trabalho, mas Elisa não poderia ir comigo, era época de provas finais no colégio e ela estava atolada com o fechamento dos livros-de-chamada.

A viagem era longa, Joaquina desejava realmente se esconder. Perdi-me várias vezes nas estradas de terra e, quando parava para pedir informação a algum carroceiro, a resposta era que deveria seguir adiante.

Finalmente, encontrei a tabuleta, despencando da cerca, com o nome da fazenda: *Soledad*.

Melhor nome não havia, pois o casebre mais próximo ficava distante umas duas horas.

O casarão tinha dois andares e um ático, depois descobriria que havia também um porão. Como já esperava, o lugar estava entulhado de quinquilharias, com espaço restrito até para um magro como eu me movimentar. Mexi em algumas pilhas de coisas, abri armários, gavetas, nada que prestasse.

Tentei ligar para Elisa e dizer que já estava retornando, mas este fim-de-mundo era tão fim-de-mundo que nem celular funcionava. É óbvio que eu não poderia contar que houvesse telefone no casarão, muito menos conexão de banda-larga.

As nuvens carregadas me inquietaram, se desabasse a chover, o meu Gol não conseguiria ir muito longe com aquelas estradas em péssima condição. Cumprindo o meu temor, quando havia dirigido por menos de um quilômetro, começou um temporal e a estrada se tornou intransitável.

Um capiau num trator me ajudou a desatolar o carro e retornei o mais rápido que pude ao casarão desabitado, sob um aguaceiro sem precedentes e raios caindo por todos os lados.

Outra bela surpresa a casa me reservava, com a morte da moradora, a

energia havia sido cortada, então, estava eu, nunca casa abandonada, anoitecendo, e sem poder sair dali. Aproveitei o resquício de claridade do dia para procurar por velas e fósforos, e consegui encontrá-los na cozinha. Depois, puxei uma cadeira até o alpendre e fiquei observando a chuva até escurecer.

Não havia muito a ser feito e meu suprimento de velas era escasso, apenas cinco; com este pequeno lume percorri a habitação à procura dum quarto. No segundo andar, descobri o que deveria ter sido o aposento de Joaquina. Eu não acreditava em almas penadas, mas ver a cama desfeita, na penumbra, e a porta do guarda-roupas aberta me perturbou. Imaginei até que a cama desarrumada estivesse assim porque Joaquina havia morrido dormindo, e o armário aberto porque tiveram de escolher uma roupa para sepultá-la.

Recusei-me a dormir ali. Vaguei pelos outros cômodos, mas aquela era a única cama na casa, portanto, eu seria obrigado a voltar para lá e me conformar.

O meu plano era ir e voltar para cidade no mesmo dia, por isto, eu só estava com a roupa do corpo, e este foi o meu pijama. Jantei o resto dum sanduíche que comprei na estrada, escovei os dentes com o dedo mesmo, assoprei a vela e tentei dormir.

Mas a chuva pesada na janela e o vento a gemer lá fora me despertavam a todo o momento. Numa das vezes que acordei, tive a impressão de haver visto uma silhueta, mãos apoiadas no batente da janela, braços esquálidos, cabelos brancos, olhando para fora. Eu torcia para fosse mera impressão.

Posteriormente, por volta de uma da manhã, escutei barulhos vindo dos andares inferiores. Era como se arrastassem móveis, abrissem e fechassem janelas, passos, risos, tosses.

Eu tremia sob o lençol, tal qual quando eu era criança e minha prima me contou que havia visto o pai morto, e, à noite, eu não conseguia parar de pensar nisto, fantasiando a figura do meu tio, crânio esfacelado por causa do acidente de carro, fitando-me como quem procura ajuda.

Oprimido por minha agonia e medo, juro que ouvi um sussurro:

— Que bom que você veio, Pedro. Esperei tanto tempo por isto...

E uma mão gelada se encostou na minha, com ternura, mas que me deixou em pânico. Saltei da cama, mas pouco podia ver na escuridão. Estava com medo de me aproximar do criado-mudo para pegar a caixa de fósforos; medo de que, quando eu estendesse minha mão, aquela outra mão gélida me

tocasse novamente.

— Quem está aí? — resmunguei, mas implorava para que não viesse resposta — Quem está aí?

Lembrei-me do celular. Apertei um botão e ele se iluminou, luzinha fraca, mas o suficiente para me certificar de que não havia ninguém na cama. Apanhei os fósforos e acendi a vela.

Os ruídos vindo debaixo cessaram.

Não sou machão; não sou daquelas pessoas que, quando têm um problema na frente, matam no peito e seguem adiante. Na verdade, aquela situação inusitada estava me sufocando, quase me controlava para não cagar nas calças, é sério!

Mas eu já havia percebido que, naquela noite, eu não teria sossego. Talvez fossem ratos andando pela casa, o que não diminuía o asco, mas me consolava do medo. Desci vagarosamente a escada e cheguei ao primeiro andar. Nada diferente atraiu minha atenção. Desci também para o térreo, também nada. Pensei que poderia dormir no carro, desconfortável, mas não teria ratos por perto.

Esta havia sido a melhor ideia da noite, quando estava quase na porta, ouvi ruídos no porão. Eu precisava confirmar o que era; se fosse embora pensando ter sido assombrado por fantasmas, que aquela mão me tocando fosse de Joaquina, eu nunca mais teria uma noite tranquila na vida. Era necessário eu provar para mim mesmo que eram ratos, ou alguma outra explicação racional.

Abri a portinhola que dava para o porão, de lá, vinham risos, gemidos, sussurros. Certamente, não eram ratos. Minhas pernas fraquejavam, as mãos trêmulas, garganta seca e olhos ardendo, com vontade de chorar. Degrau a degrau, desci, aos poucos iluminando a câmara. Os risos, murmúrios e gemidos se silenciaram, quem quer que estivesse ali embaixo havia me ouvido descendo. Quando a vela iluminou parte do porão, vi minha tia-avó esfaqueando um homem. Não era fisicamente ela, era quase uma névoa. Ao lado dela, pessoas observavam, numa espécie de ritual de tortura, ou execução, ou sadomasoquismo. Perdi as forças e deixei a vela cair e se apagar. Completamente no escuro, meu coração quase me afogando de tão forte que batia, os risos recomeçaram com maior força, os gritos se tornaram ensurdecedores, a voz de Joaquina berrando:

— Meu querido Pedro finalmente veio! Também quer participar!

É óbvio que eu não queria participar, independente do que fosse que

aquelas aberrações estivessem fazendo, tropeçando, ofegante, engatinhando quase, subi a escada do porão e cheguei à cozinha. Então, esbarrando em tudo que havia no caminho, alcancei a porta de entrada, atravessei a varanda e, mergulhando no temporal, corri para o automóvel.

Enquanto dava ignição, percebi que, na janela do quarto no qual eu estava, no segundo andar, uma mulher apareceu, apoiou os braços no batente e, após alguns segundos, acenou para mim.

Dei a ré no carro, atingindo uma cerca e, depois, em desespero, dirigi pela estrada enlameada, afundando o Gol no barro, derrapando nas curvas, fugindo do inexplicável.

Perdi o controle da direção após uma meia hora, voando para fora da estrada, e desaparecendo no matagal. Chorava, calça mijada, em completo descontrole emocional.

Quando amanheceu, a chuva havia dado uma trégua. Caminhei pela estrada uns bons quilômetros, peguei carona num pau-de-arara e, já na beira da rodovia, liguei para minha esposa, quase implorando por ajuda.

Todo mundo riu da minha experiência. Na família, descrentes, zombaram de mim, dizendo que, se alguém um dia virasse assombração, só poderia ser a Joaquina mesmo.

Resolvi vender o terreno, mas demolir a casa primeiro. Não desejava que outra pessoa passasse pelo mesmo desespero que eu. Porém, um funcionário da empresa de demolição me ligou enraivecido, xingando-me por ter pregado um trote neles, pois eles haviam se metido no meio do nada e não havia casa alguma para ser demolida.

De cagão, minha reputação passou a ser de mentiroso e de lunático.

Mas, um dia, eu crio coragem e volto a *Soledad*, para confirmar a existência daquela casa maldita, habitada por seres malditos.

*Nova York*
*26/07/2007*

# Congresso dos Anticristos

Davi era diferente. Desde criança, havia uma crueldade naquele menino, um ódio no olhar, maldade nas ações.

No jardim de infância, ele decepou o dedo dum colega com estilete; na primeira série, furou o olho duma menina com um lápis; na terceira série, enfiava ratos mortos nas bolsas das professoras. Passagens pela polícia, diretoria e conselho tutelar foram inúmeras.

Joana, sua mãe, não sabia a quem mais recorrer, visitou psicólogos, padres e a cinta lambia a bunda do menino quase que diariamente.

Numa manhã, Davi despertou Joana.

— Mãe, temos de viajar.

— Para onde, Davi?

— Para o sul — a voz sombria revelou.

— Não vamos a lugar algum.

Mas Davi infernizou tanto que convenceu sua mãe. Arrumaram as malas e embarcaram no carro, rumo ao sul.

Treze dias depois, chegaram a um galpão, onde dezenas de automóveis estavam estacionados.

— É aqui — Davi anunciou.

Entraram no galpão, todo decorado em negro e vermelho, uma cruz invertida sobre um palco, figuras de Satanás por todo lado. A mãe se assustou:

— O que é isto, Davi?

— Meu pai me chamou.

Davi descobriu, porém, que seu pai era pai de muitos. Filhos de Satanás? Mais de uma centena, de recém-nascido a idosos, todos congregados naquele culto satânico.

O menino se enfureceu. Só podia haver um anticristo, esta era a profecia, apenas um podia ser o filho do diabo. Como é que Satanás podia ser tão egoísta, tão fértil? Deveria respeitar as predições, existentes desde tempos imemoriais.

Davi roubou o isqueiro dum velho bigodudo, foi até a coxia do galpão e ateou fogo em papéis e tecidos. Por fim, deixou o recinto, trancou as portas e

ordenou a sua mãe que fossem embora.

Enquanto o carro se afastava, a fumaça se erguia do galpão.

— O que é aquilo? — Joana cuidava pelo retrovisor.

— Sou filho único agora — Davi ria.

Nova York
19/08/2007

# O Filho Morto

Quando Luiz morreu, minha esposa ficou em choque por dias. Talvez eu não tenha sido tão afetado quanto ela pelo simples fato que, quando algo como isto ocorre, alguém tem de manter o equilíbrio. Se todos desabam, que rumo resta a ser tomado? Ou talvez eu apenas não tivesse assimilado a desgraça, fingindo que tudo continuava como antes.

À noite, enquanto Tatiana permanecia no quarto, sedada, eu me levantava e ia até o quarto de Luiz, ler histórias para ele dormir. Apesar da cama vazia, eu tinha a plena sensação de que ele estava ali, rindo das fábulas, as pálpebras pesadas, lutando contra o sono.

A culpa que Tatiana alimentava não era de todo infundada, Luiz estava com ela quando tudo ocorreu, cruzavam a rua, o sinal aberto para os carros, mas Tatiana jura que não havia perigo. Luiz deixou cair a chupeta, sua mãozinha se soltou da de Tatiana, e ele voltou para buscá-la.

Nenhum pai deveria passar pelo que passei, ir ao necrotério e ver o pequeno corpo do filho estraçalhado, crânio esfacelado, rosto desfigurado, quase nenhum osso intacto, após ter sido atropelado por um ônibus. Nenhum!

E tantas memórias surgem naquele momento, entre aqueles segundos em que a porta se abre e, num relance, já se pode ver o corpo embalado num saco preto, e torcendo para que, quando o médico abrisse o zíper, fosse o filho de outro, fosse uma outra criança de três anos, dominado por este egoísmo que nos faz esquecermos de que as outras pessoas também sofrem. Mas não era o filho de outro, não era um Pedro, nem um João, era o meu Luiz, quase irreconhecível com o rosto ocultado pela crosta de sangue coagulado. E as memórias nos afogam, retornando ao primeiro instante, Tatiana me ligando no celular, choro de alegria na voz, mal articulando a simples frase “Você vai ser papai!”, o coração batendo mais forte e, contagiado pela alegria dela, choramos juntos pelo telefone, e como nos maravilhávamos ao vermos aqueles borrões do ultra-som que insistiam em dizer que era o coraçãozinho do bebê, o pintinho dele, ele chupando o dedo, e a angústia do parto, todo aquele sangue saindo da minha mulher, e aquela criatura cabeçuda, enrugada, chorando e tremendo, e as recordações das primeiras noites, nós embasbacados, postados ao lado do berço, admirando o ser que havíamos

concebido, e o primeiro sorriso, as primeiras palavras, o engatinhar, os primeiros passos. Tudo encerrado ao se abrir o zíper, Luiz morto; não, não era o filho de outro.

Tatiana foi para a casa da mãe. Eu estava encarregado da triste tarefa de retirar os pertences de Luiz de casa, dá-los a alguém, jogá-los fora, qualquer coisa. Mas não consegui, ao abrir a porta, vi Luiz sentado na cama, pernas balançando, olhinhos brilhando:

— Vamos brincar, papai?

Passei a tarde brincando com Luiz, mesmo sabendo que o corpo dele estava na casa funerária, sendo preparado para o velório, mesmo sabendo que Tatiana estava devastada e que adoraria estar comigo agora, brincando com nosso fiho. Como eu poderia me livrar do quarto de Luiz, se ele ainda estava lá?

Tranquei o cômodo, todos os móveis dentro.

Minha esposa retornou para casa, ainda sob influência de calmantes. Porém, durante a sedação, ela resmungava:

— Afonso, você está ouvindo? Você está ouvindo o riso de Luiz?

E eu acarinhava os cabelos dela, aquiescendo:

— É claro que sim, Tati, ele está no quarto dele, brincando.

Pois o cadáver de Luiz já havia sido sepultado, mas ele ainda estava conosco. O que era uma grande alegria para nós, mais do que mero consolo.

Aos poucos, Tatiana se recuperou e, ao invés de ir sozinho contar histórias para Luiz, agora Tatiana me acompanhava. Ficávamos até de madrugada, mesmo após Luiz ter adormecido, sentados na cama dele, admirando-o, agradecidos pela segunda chance que Deus nos havia dado.

No entanto, numa tarde, ao chegar em casa do trabalho, Tatiana estava sentada na cozinha, pernas unidas, mãos entrelaçadas, olhar desesperado.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Algo não está certo... — Tatiana hesitava — algo não está certo com Luiz.

— Como assim?

Sem muita confiança, ela me pegou pelo braço e me levou até o quarto do nosso filho. Eu abri a porta, mas o clima alegre, pueril, que costumava predominar, havia desaparecido. O quarto estava na penumbra, um cheiro de carne apodrecida, e Luiz de pé, voltado para a parede, num dos cantos.

— Algum problema, Luiz? — gaguejei.

Ele se virou e todo meu corpo começou a tremer; aquele menino não era o Luiz que eu conhecia, pelo menos não aquele ao qual contei fábulas nas noites anteriores. O rosto estava magro e ressecado, o olhar fundo, os braços e pernas contorcidos, o crânio afundado.

— Vocês precisam me deixar ir embora — ele disse.

— Mas você não pode — gemi — Você é o nosso filhinho.

Sem sustentação dos membros fraturados, ele cambaleou até a cama e se deitou. Fiz menção de me aproximar, para cobri-lo com o lençol, mas ele me repeliu com um olhar de ódio.

— Não, — ele disse — eu quero ir embora. Meu verdadeiro pai me chama.

— Quem é o seu verdadeiro pai? — indaguei.

Os olhos de Luiz miraram um ponto ao pé da cama, instintivamente, eu também olhei pra lá e, por um segundo, tive a impressão que um vulto ou sombra estava de pé ali. Recuei para a porta.

— Mas não queremos que você vá, meu filho — Tatiana choramingava.

— Eu preciso — e, ao dizer isto, Luiz se virou da cama, insinuando que pretendia dormir.

Depois desta noite, eventos mórbidos passaram a nos atormentar. Até aquele momento, nosso filhinho nunca havia deixado seu quarto, mas, agora que ele queria partir, Luiz fazia questão de incomodar nossa rotina. Certa vez, enquanto eu tomava banho, ouvi um risinho do outro lado da cortina, e uma silhueta que se aproximava. Abri uma fresta, Luiz me encarava, tapava a boca, ria.

Noutra vez, Tatiana cozinhava, o som duma gaveta se abrindo. Era Luiz, faca afiada na mão, apontando para minha esposa:

— Posso te ajudar, mamãe?

Mas o pior foi quando eu e Tatiana fazíamos amor, ela sobre mim, olhos fechados, minhas mãos nos seios dela, e meus pelos todos se arrepiaram, senti a presença de alguém e avistei, nas sombras, num canto, o crânio afundado de Luiz. Brochei e, ao mesmo tempo, tomei uma resolução:

— Tatiana, precisamos nos livrar deste menino!

Naquela mesma noite, fomos ao quarto do Luiz e o informamos:

— Você nos pediu para o deixarmos partir. Pode ir, quando quiser.

Mas a resposta do nosso filho foi enigmática:

— Não é tão simples, papai. Vocês têm de me deixar ir.

Não entendemos. Desde a mudança de comportamento dele, tudo que mais desejávamos era que ele fosse embora, deixasse-nos em paz. Mas ele não ia, continuava nos pregando sustos, espionando-nos, abrindo gavetas e portas de armários.

A herança católica de Tatiana falou mais alto, ela correu para a igreja que não frequentava há anos e implorou auxílio ao padre. Este veio, passeou por nosso apartamento, requisitou entrada no quarto de Luiz, por fim, emitiu seu parecer:

— Não vejo nada de extraordinário aqui, minha filha. Isto não é obra de demônio.

Mas, mesmo assim, sob súplicas de Tatiana, ele concordou em benzer nossa casa, espargindo água-benta por todos os cômodos.

De nada adiantou, Luiz continuava lá e, agora, zombava de nossos esforços para nos livrarmos dele. Ele estava muito transformado, pouco recordava aquele menino doce que havia sido nosso filho, era apenas um ser diabólico, uma criatura deformada e irônica.

Após o padre, perfizemos uma sucessão de “profissionais” na área da paranormalidade, um médium espírita, um pai-de-santo, um pastor, mas ninguém conseguia nos ajudar.

Na TV, vimos um programa no qual aparecia uma mulher que dizia falar com os mortos, conversou ao telefone com telespectadores e revelou informações impressionantes sobre eles. Esta entrevista nos convenceu a ligarmos para esta mulher e a chamarmos para nos auxiliar com Luiz.

Ela veio, entrou sozinha no quarto e saiu dele assustadíssima.

— Eu conversei com seu filho — ela nos disse — com o ser que um dia foi ele, quero dizer. Ele quer partir, mas vocês não deixam. Luiz está acorrentado a esta casa.

— O que devemos fazer? — eu me desesperava.

— Não é nada simples. Enquanto o corpo e a memória de Luiz ainda existirem, ele não partirá. Façam o que eu digo e tenho certeza de que tudo ficará bem.

Seguindo as indicações da médium, dirigi-me a uma casa de ferragens; em casa, Tatiana estava incumbida de esvaziar o quarto de Luiz, queimar as roupas deles e todos os objetos e brinquedos que lhe eram caros.

Para não ser apanhado, esperei anoitecer, pulei o muro do cemitério e, auxiliado por uma lanterna, encontrei o túmulo de Luiz. Com uma picareta, derrubei a abertura inferior do túmulo, retirando os tijolos. Avistei o caixãozinho dele e já podia puxá-lo para fora.

Ainda com a picareta, abri a tampa do caixão, revelando o esverdeado corpo apodrecido de Luiz, porém, eu estava tão acostumado com este aspecto dele, pois era assim que ele se manifestava a nós, que nem me impressionei. Abracei o cadáver e o tirei do esquife, jogando-o sobre um lençol, no qual o enrolei.

Reinseri o caixão vazio no túmulo, lancei o corpo embrulhado no ombro e me apressei a deixar o cemitério, arremessando Luiz por sobre o muro, secundando-o sem demora.

Dirigi por horas, até chegar a uma estrada de terra. Na madrugada, enveredei-me por uma trilha no matagal. Quando atingi um local que considerei seguro, estacionei e removi o cadáver do porta-malas.

Este seria o momento mais difícil, seguir passo-a-passo as prescrições da médium. Utilizando-me duma agulha para couro e um grosso barbante, costurei a boca de Luiz; em seguida, com um serrote, separei a cabeça do corpo; por fim, embebi o defunto em querosene e ateei fogo.

Levei muito tempo alimentando as chamas, até que os restos mortais se tornassem irreconhecíveis. Cavei uma cova com quase um metro de profundidade e sepultei Luiz.

O sol estava nascendo.

Voltei para casa arrebentado. Cheguei e fui direto para o quarto do Luiz, completamente vazio, as cortinas abertas, um local bem diferente, renovado, luminoso. Tomei um banho e fui me deitar, ronquei até, pelo que Tatiana me contou. Sentíamos bem, um peso havia sido erguido de nossas costas, prometíamos a nós mesmos que nos esqueceríamos de tudo e, talvez, um dia, até riríamos do que aconteceu.

Assistíamos televisão no quarto, ouvi um ruído vindo de fora. Tatiana segurou minha mão.

— O que foi isto, Afonso?

— Não sei — levantei-me, fui até a porta e a abri um pouco. Espiei, não vi nada, mas o ruído continuava, no quarto que havia sido do Luiz.

Na ponta dos pés, caminhei até lá e entrei. O terror me dominou, absurdamente, incompreensivelmente, o quarto de Luiz estava todo

reconstruído, os móveis, os brinquedos, a decoração, e, sentado no chão, estava um ser carbonizado, costuras na boca e a cabeça se equilibrando sobre o pescoço.

A criatura me fitou com olhos ensanguentados e murmurou por entre as costuras:

— Por que você não me deixa ir, papai?

Desde então, somos obrigados a conviver com esta aberração. Mantemos o quarto sempre fechado, fingimos não percebermos quando Luiz nos espia, ou passa correndo, derrubando algum objeto da sala. É difícil, mas somente assim conseguimos manter a sanidade e continuar nossas vidas.

Este é o nosso segredo, meu e de Tatiana, e, às vezes, me angustia a certeza de que Luiz só sossegará quando eu e ela também estivermos mortos. Somente assim, ele poderá partir.

*Nova York*
*09/08/2007*

# O Cãozinho

O filhotinho veio dentro duma caixa, as crianças pulavam de alegria.

— Você comprou, mãe! Obrigado!

Mas Susana deixou bem claro aos filhos:

— São vocês que vão cuidar dele.

Batizaram o cãozinho de Lúcio, um vira-lata preto. Lúcio era carinhoso, lambia as orelhas dos meninos, corria trôpego pela sala.

Crescia, e foi aí que começaram os problemas. O temperamento de Lúcio mudava, já não era mais tão carinhoso, latia o dia inteiro e rosnava para as visitas. Um dia, mordeu a mão de Susana quando ela tentava tirar um osso de galinha da boca dele.

As crianças o defendiam:

— É só um cachorro, mãe.

Porém, quando elas saíam para a escola, Lúcio se transformava; seguia Susana pela casa, intimidando-a; se ela lhe desse uma ordem, ele desobedecia; se ela queria assistir TV, ele se deitava no sofá (havia crescido bastante) e mostrava os dentes; se ela tentava enxotá-lo para o quintal, ele avançava contra ela e, se ele a agarrasse em suas presas, o estrago seria grande.

— Temos de dar o Lúcio — ela insistia, mas, sob apelos desesperados das crianças, Susana acabava mudando de ideia, mesmo sabendo que suas tardes seriam um inferno, com Lúcio seguindo-a e ameaçando-a o tempo todo.

Susana temperava um bife para o jantar, Lúcio deu o bote e o arrancou de Susana, ferindo-a no pulso. Assustada, enquanto o cão devorava a posta, ela o trancou na cozinha e correu para o quarto. Refletia um modo para se livrar do cachorro, sem que as crianças sofressem com isto. Lúcio, confinado à cozinha, uivava.

Exausta e com medo, Susana se deitou, tentava cochilar. Os uivos cessaram, porém, ela ouvia outra espécie de ruídos, algo arranhava a porta do quarto. Lúcio havia escapado. As arranhadas se converteram em patadas, o animal queria entrar de qualquer maneira. Rosnava.

— Sai daqui! — Susana gritava, mas, ao invés de acalmar a fera, seus gritos apenas o estimulavam mais, seu medo o alimentava.

Inesperadamente, as investidas de Lúcio pararam; som nenhum se podia ouvir. Trêmula, crente de que Lúcio havia encontrado outra diversão, Susana entreabriu a porta, apenas para encontrar os olhos flamejantes da besta, dentes afiados à mostra. Ele se precipitou sobre ela, jogando-a no chão. Com as patas sobre o tórax de Susana, Lúcio a dominava, baba escorrendo sobre o rosto dela, presas a poucos centímetros de seus olhos, com fúria de quem estava disposto a trucidá-la.

Risos na sala de estar dissiparam a ira de Lúcio que correu, rabo abanando, para saudar as crianças que retornavam do colégio.

No dia seguinte, Susana preparou a comida de Lúcio, que se refestelou, sem nunca tirar os olhos enfurecidos da mulher, depois, ele se deitou no sofá. Durante horas, ficou lá, sob a vigilância de Susana, que aguardava o efeito do veneno de rato. No entanto, Lúcio continuava vivo, muito vivo.

— Veja, mamãe, tem uma coisa no pescoço do Lúcio! — um dos meninos havia encontrado uma marca, um símbolo, gravado na garganta do cachorro. Susana se aproximou e viu um pentagrama, invertido, como uma cicatriz.

— O que isto significa? — as crianças perguntaram.

Susana não sabia, mas ao vasculhar, na Biblioteca, um tratado de simbologia, ela descobriu que o pentagrama invertido havia sido adotado como o símbolo de Satanás.

Mais do que nunca, livrar-se de Lúcio se tornava crucial.

Religiosidade não era o forte de Susana, mas ela entrou numa igreja antes de voltar para casa. A igreja estava vazia; ela procurou pelo padre, mas não o encontrou. Porém, na sacristia, um crucifixo dourado chamou sua atenção; apesar do sacrilégio, Susana o retirou da parede e o guardou na bolsa.

Em casa, logo ao entrar, Susana se armou com o crucifixo. Deparou-se com Lúcio na cozinha e, quando o animal avistou o símbolo sagrado, começou a urrar, não como um cão, mas como um homem em agonia. Susana se aproximava dele, brandindo o artefato. Lúcio recuava para um canto, presas à mostra, olhar enfurecido.

— Afasta isto de mim, mulher! — uma voz rouca brotou de Lúcio.

A mão de Susana tremia, ela fraquejava, mas este confronto era necessário.

— Vai embora! — ela gaguejava.

— Não, não! Eu vou ficar — a voz rouca retrucou.

— Vai embora, demônio! — Susana berrava, quase encostando o crucifixo na testa de Lúcio.

A batalha esta perdida para a criatura, o cão se desvencilhou, estilhaçou uma vidraça e abandonou a casa de Susana.

As crianças ficaram tristes com a fuga de Lúcio, puseram cartazes de "Cão perdido" nos postes, mas não o encontraram.

Numa noite, Susana voltava da casa duma vizinha e teve a sensação de estar sendo vigiada. Olhou para trás e avistou uma sombra, esgueirando-se por entre os carros estacionados. Ela se apressou, mas, antes de cruzar o portão, viu um cão negro, olhos de fogo, rondando-a.

Por isto, apenas por garantia, o crucifixo roubado se tornou enfeite sobre a mesa de jantar. Deus certamente a perdoaria por este pecado.

*10/09/2007*

# A Mão

O som da chuva me dava vontade de fazer xixi. Eu estava rolando na cama desde a meia-noite, inquieta após haver assistido a um filme de terror. Maldita sexta-feira treze e estas sessões intermináveis de monstros e cadáveres na TV!

Mal me segurando, desenrolei-me dos lençóis e pousei os pés nus no carpete do quarto.

Foi quando o inusitado ocorreu. Não foi como se me segurassem, ou como se me apertassem, foi apenas um toque, um resvalo no meu calcanhar, vindo de sob a cama. Tenho certeza de que não era fruto da minha imaginação, a sensação foi clara o suficiente para evitar qualquer dúvida: uma mão, de sob minha cama, havia tocado meu pé.

Gritei, saltando assim como quando, na praia, ondas geladas deslizam na altura das nossas canelas, e instintivamente olhei para a fonte do meu desespero. Nada havia.

Corri para o banheiro, pois o susto aumentou ainda mais meu apuro.

Ao voltar para o quarto, entrei sem muita coragem. Acendi a luz e, a uns dois metros de distância da cama, ajoelhei-me, encostei lateralmente a cabeça no chão e tentei divisar algo. Tinha bastante entulho embaixo, mas nada que se assemelhasse a uma mão, ou a algum dono de mão querendo me dar um susto. A hipótese de ser meu irmão estava descartada.

Rastejei até lá e, no caminho, apanhei um tênis, para dar uns safanões, caso fosse algum bicho (rato?!) desgarrado. Encontrei caixas de Barbie (bonecas aposentadas há uns três anos), uma dúzia de caixas de sapatos, às quais afastei com o bico do tênis, uma meia suja recoberta de cabelos e poeira, até uma calcinha velha havia lá embaixo.

Respirei aliviada, afinal de contas, poderia ter sido minha imaginação — era mais fácil me agarrar a uma mentira —, um vento encanado, sei lá, qualquer coisa, menos uma mão.

Apaguei a luz e, no mesmo instante em que o quarto foi tomado pelo breu, um relâmpago brilhou pela cortina, lançando uma claridade azulada, e vislumbrei talvez um rosto, cabelos brancos desgrenhados, sorriso mórbido

fitando-me por debaixo da cama. Acendi mais uma vez a luz, e ri sozinha, meio apavorada, mas também me convencendo de que a visão se devia a alguma configuração bizarra de luminosidade no entulho acumulado abaixo do estrado. Quando estamos com medo é isto mesmo que acontece: quantas vezes não vemos pessoas e fantasmas nas roupas dependuradas no cabide estando as luzes apagadas, ou garras ameaçadoras nas silhuetas de galhos de árvore por entre o tecido da cortina, ou o ruído do armário, dos móveis, do vento, de passos, de sussurros?

Pura obra de nossa imaginação, pois não há nada, apenas nosso medo.

Para não ficar na completa escuridão, deixei acesa a luz dum abajur. Depois, mais confiante, apaguei-a também e tentei dormir. Mas eu estava muito nervosa, coração batendo forte, pés gelados (temia que alguém viesse puxá-los), trêmula. Encolhi-me como um feto, a chuva havia engrossado, repicando na vidraça. Tive a impressão de ouvir sons debaixo de mim, alguém se arrastando, movendo a bagunça lá embaixo.

Pensei em me levantar e acender a luz, mas não tive coragem. Preferi ficar quietinha, crente que, se eu me acalmasse, uma hora isto passaria.

Mas não foi o que aconteceu, o som aumentou, adicionado a um ranger de dentes e a um estertorar idêntico ao que ouvi de meu avô agonizando, pouco antes de morrer. E realmente, assim como tive certeza de que uma mão tocara meu calcanhar, não havia do que duvidar: alguém estava lá embaixo!

A situação era tão aterradora que se tornou insuportável, insustentável, ou eu ficava lá e morria de medo, ou fugia. Num pulo, voei para fora da cama e fui bater à porta de meus pais.

— O que foi, Silvana? — minha mãe a abriu, remelas nos olhos e cabelos despenteados.

— Mãe, estou com medo... — resmunguei.

— O que foi que aconteceu? — meu pai perguntou, também despertando.

— É a Sil... Acho que aconteceu alguma coisa.

— Estou com medo, pai.

— Porra, Silvana, até o Júnior já passou desta fase! Deixa a gente dormir porque amanhã eu acordo cedo!

Uma expressão de condescendência e compaixão surgiu no rosto de minha mãe, mas a ordem de papai era lei.

— Vai domir, Sil, vai — ela acariciou meus cabelos.

Mas como?!

Eu não entraria naquele quarto novamente, por isto, fui para a sala assistir TV. Estava tarde, e os únicos programas sendo transmitidos eram de compras por telefone, pastores tirando o diabo do corpo de crentes e um ou outro filme de terror, pois, apesar da sexta-feira treze ter oficialmente terminado, ainda - estavam aproveitando o clima.

Meus olhos começaram a pesar e, em pouco tempo, adormeci no sofá.

Fui acordada por meu pai, na manhã de sábado, ele se preparando para ir ao trabalho.

— Dormiu aqui, Silvana? — ele me perguntou.

— Eu estava sem sono, pai. Vim assistir TV.

— E o que aconteceu ontem para você bater na nossa porta?

— Nada, bobeira, achei ter visto um rato.

Ele riu.

— Mulheres mesmo!

Passei o dia na casa da Camila; dançamos funk, rimos com uns vídeos na net, falamos dos gatinhos que estávamos ficando. Cheguei em casa tarde, apenas para comer um lanche e ir dormir, mas não consegui entrar no meu quarto, a simples memória de ontem à noite bastava para me impedir.

Voltei para sala e repeti o serão da noite anterior: TV e dormir no sofá.

E isto se repetiu por uns dez dias, para estranhamento de meus pais e irmão.

No entanto, numa das noites, adormecida na sala, tive a vaga impressão de que meu pai havia se levantado, apanhado-me nos braços e me conduzido à cama; lembro-me até de ter murmurado, sonolenta, algo como “Não, pai! Por favor, não!”

Eu entendo a atitude dele, devia pensar que meu medo era mero capricho, e que uma noite no meu quarto e na minha cama quentinha já seria suficiente para espantar os fantasmas da minha alma.

Realmente, ao ser coberta pelo edredom e pelos lençóis cheirosos, caí num sono profundo e devo até ter roncado, após tantas noites dormindo desconfortavelmente.

Mas fui acordada por ruídos e grunhidos. Não havia chuva para que eu me confundisse, além disto, havia um ligeiro tremor na cama. Alguém se arrastava lá embaixo, e parecia que as costas desta pessoa se chocavam contra

o estrado. Eu estava meio lenta, com sono, mas não estava tendo pesadelo nem delírio, alguém tentava sair de sob a cama.

O medo fez com que o sono desaparecesse, mas, quando considerei a possibilidade de saltar para fora e me refugiar na sala, a visão duma mão, esquálida e branca, se erguendo pela borda do colchão, agarrando o edredom, dando suporte ao resto do corpo que haveria de aparecer, me fez mudar de ideia. Encolhi-me contra a parede, abraçando minhas próprias pernas, tremendo, pelos todos eriçados.

A segunda mão apareceu, também agarrando as cobertas e, entre o espaço das mãos, uma cabeça começou a surgir, cabelos brancos, os olhos vazios, fundos, perdidos nas órbitas, repletos de angústia e cólera, a pele desta velha criatura era ressecada e apegada aos ossos duros da face, os dentes podres e enegrecidos. A criatura erigiu a parte superior do tórax, vestia uma camisola amarelecida e ensanguentada, podia-se ver as vértebras e os ossos dos ombros saltando por entre o tecido.

Ela se arrastou até mim e, quase encostando a boca no meu nariz, exalando aquele hálito pútrido, a criatura sibilou a questão:

— Onde você estava, Silvana? Eu estava apenas te esperando.

O colchão, os lençóis, as cobertas estavam todas espalhadas pelo quarto de Silvana quando seus pais foram até lá de manhã. A mãe de Silvana se desesperou, certa de que algum estuprador a tinha levado. O pai foi mais coerente, ligou para a polícia para dar queixa de desaparecimento, supunha que a filha adolescente devia ter conhecido algum rapaz na Internet e agora estava se aventurando pelo mundo, pensando que o amor lhes bastaria (havia assistido a uma notícia semelhante no telejornal durante a semana).

No entanto, apesar das suposições, dos cartazes espalhados pela vizinhança, da foto de Silvana na TV, do detetive particular contratado, das investigações policiais, nada foi descoberto. A moça havia simplesmente desaparecido sem deixar vestígios.

Anos se passaram e a família manteve o quarto da Silvana como um santuário intocado, para caso ela um dia retornasse.

No entanto, Júnior cresceu e sugeriram que ele ocupasse o quarto maior, que havia sido de Silvana; as coisas dela foram entulhadas na garagem.

A mudança de cômodo foi acompanhada de pesadelos nas noites subsequentes. Júnior acordava suado, ofegante, com a sensação de que algo

se movia sob a cama. Mas ele era corajoso, sabia que tais coisas estavam em sua imaginação.

Até a noite de sexta-feira, dia treze, quando mãos surgiram pela borda do colchão, magras, secas, e uma jovem, irreconhecível, loira, pele e osso, olhos profundos, fétida, se ergueu.

Estendeu a mão e acariciou o rosto de Júnior, paralisado pelo medo:

— Achei que você nunca se mudaria para cá, meu irmão. Agora pode vir comigo.

E o tragou para as profundezas das sombras, entre chinelos e meias.

*Nova York*
*27/11/2007*

# O Segredo do Porão

Todos nós escondemos nossos monstros em algum lugar. No dia a dia, sentimo-nos obrigados a fingir ser melhores do que realmente somos, para sermos aceitos, para sermos queridos, para sermos respeitados.

Se um dia expuséssemos nossos demônios interiores, simplesmente não existiria mais vida na Terra, nós nos mataríamos uns aos outros.

Mas leva muito tempo para chegarmos a esta constatação, temos de fazer uma auto-avaliação e trazermos à tona os nossos maiores medos. Foi o que descobri depois de me casar com Julia.

Nós nos conhecemos na escola, dois adolescentes aprendendo o que é amor. Brigamos várias vezes e, ocasionalmente, namorávamos outras pessoas, mas sempre retornávamos um para os braços do outro até que, um dia, resolvemos tornar sério o nosso relacionamento; assumimos para todos os amigos e jurávamos que nos casaríamos.

Terminei o colégio e comecei a trabalhar num escritório. Estávamos com o dia do casório marcado quando o pai e a mãe de Julia morreram tragicamente num acidente de carro, atingidos por um caminhão com um motorista bêbado no volante. Julia ficou devastada, mal conseguia erguer-se da cama e, num de seus momentos de razão, ela me disse:

— Por favor, venha morar comigo na casa dos meus pais. Ela é grande e tenho medo de ficar sozinha lá.

Então peguei as minhas tralhas e eu e Julia passamos a morar juntos. O casamento havia sido adiado por tempo indeterminado.

Ela havia feito questão que eu me sentisse à vontade, como se estivesse na minha própria casa e não demorou para que eu ficasse confortável. A única ressalva que ela me fez foi:

— Só não vá ao porão. As coisas dos meus pais estão lá embaixo e quero deixá-las lá. Por favor, jure que não descerá até lá.

Prometi de pés juntos, sem questionar, afinal aquela havia sido a casa dos finados, não me custaria respeitar este limite.

No entanto, depois de algumas semanas, reparei que Julia descia ao porão todas as manhãs e permanecia vários minutos lá embaixo. Primeiro, pensei que ela remexia as coisas dos pais, tentando matar as saudades deles, mas,

depois, fiquei com a pulga atrás da orelha. À noite, ouvia ruídos e gritos vindos de abaixo, como se alguém estivesse aprisionado no porão.

Julia era a pessoa mais meiga do mundo, portanto, jamais poderia imaginar que ela fosse daqueles tipos de psicopatas que fazem estas coisas, como aquele austríaco que manteve a filha presa nos fundos da casa por décadas, estuprando-a, e que tivera com ela uma meia dúzia de filhos incestuosos. Julia jamais faria isto!

Mesmo assim, as descidas diárias ao porão e os gritos abafados à noite me inquietavam.

— O que tem lá embaixo mesmo? — perguntei a ela.

— Já lhe disse: as coisas dos meus pais.

— Que tipos de coisas?

— Retratos, móveis, roupas, pertences pessoais... Você sabe, objetos deles — Julia gaguejou, ela mentia para mim.

Algum tempo depois, Julia teve de ir a um congresso da universidade e passaria uma noite fora, retornando na manhã seguinte.

— Cuide-se — ela me disse, cheia de uma estranha preocupação, quando nos despedimos na rodoviária — Amanhã estou de volta.

Ao sair do trabalho, aproveitei para encontrar-me com alguns amigos num bar e pôr a conversa em dia. Cheguei tarde em casa, já havia passado da meia noite e estava preocupado que Julia já houvesse me ligado. Levaria uma bela mijada dela, caso isto houvesse ocorrido. Até podia escutá-la dizendo: “é só eu sair de casa por uma noite que você já cai na gandaia!”. E eu teria de inventar mil explicações, suplicar perdão e dizer-lhe um trilhão de vezes que a amava.

Tomei um banho rápido e me joguei na cama, mas logo comecei a ouvir os sons e gritos vindos do porão.

*Julia não está em casa, que mal faria descer e ver o que ela esconde de mim?*, pensei. Se já estava ferrado por ter saído para beber com os amigos, adicionar mais esta infração na lista seria apenas um detalhe. Assim, fui até a cozinha e tentei abrir a porta para o porão, que estava trancada. Dei alguns murros na porta e ela parecia ser de metal, como aquelas portas corta-fogo, ou seja, sem a chave eu não teria como abri-la. Depois das pancadas, ouvi alguns berros e murmúrios, realmente era como se alguém estivesse lá embaixo, num cativeiro, e esta ideia me atormentou por várias horas naquela noite.

Tentei dormir, mas não conseguia. Refleti que, se eu não descobrisse o

que havia lá embaixo naquela oportunidade, com Julia fora de casa, talvez não tivesse outra tão cedo.

Por isto, revirei as gavetas de Julia e encontrei um molho com várias chaves. Retornei à cozinha e testei chave por chave, já estava quase desistindo quando uma delas se encaixou na fechadura e consegui destrancá-la. Meu coração disparou.

Fiquei cogitando as possibilidades: e se realmente houvesse uma pessoa sequestrada ali embaixo, o que eu faria? Delataria Julia à polícia? Talvez não, tornando-me assim cúmplice dela. Eu seria obrigado a ajudá-la, a encobrir os rastros de seu crime e quem sabe o que mais decorreria disto.

Criei coragem e desci, degrau por degrau, lentamente.

O porão estava escuro, havia apenas uma pequena lâmpada num canto, onde havia também uma cama. Não era um cômodo entulhado como eu imaginava, havia bem pouca coisa ali excetuando a lâmpada e a cama, onde, aparentemente, alguém dormia.

Fiquei aterrorizado. A família de Julia era uma quadrilha de sequestradores! Nestas horas, ponderei que a melhor decisão seria soltar a vítima e chamar a polícia. Era a única decisão sensata possível.

Aproximei-me da cama e vi uma moça com os braços e pernas amarradas. Parecia estar dormindo, com uma respiração pesada, quase um ronco, e vestida apenas com uma camisola. Chegando mais perto, reconheci seus traços, apesar da pele branca e do corpo magérrimo, quase um esqueleto. Havia visto algumas fotos de Julia com uma outra jovem, sua irmã, morta por causa de alguma doença rara vários anos atrás.

Fiz uns cálculos mentais e supus que aquela moça deveria estar presa no porão há mais de seis anos, e os pulsos e tornozelos arroxeados e em carne viva confirmavam a minha hipótese.

— Bárbaros — resmunguei — como fazem isto com a própria filha!

Então cutuquei a jovem, tentando acordá-la.

— Está tudo bem com você? — perguntei.

Ela abriu os olhos num segundo e tentou morder a minha cara. Berrava, urrava, debatia-se como um animal selvagem. Seus dentes podres e olhar negro avançavam em minha direção, enquanto os braços tentavam se soltar das amarras.

— Maldito! — ela gritava — Maldito! Eu quero a sua alma desgraçada!

Recuei, apavorado, caindo de costas no chão.

A moça remexia-se na cama, quase arrancando-a do chão. Eu me

arrastava para trás.

Vendo que sua estratégia não havia funcionado, a moça mudou de abordagem. Sussurrando, quase sibilando, ela me chamou:

— Perdão... Não queria assustar você. Por favor, solte-me... Solte-me.

Levantei-me e cheguei até a sentir pena dela.

— Como você é lindo — ela me disse, lambendo os lábios — Venha, solte-me e me foda... Venha e me coma.

— Não posso... — murmurei — Não posso...

— Miserável! — a voz dela engrossou — Vou matá-lo, rasgarei sua garganta e tomarei sua alma. Vou matá-lo!

Deixei-a gritando e corri para a cozinha. Procurei por uma faca e estava decidido voltar e acabar com o sofrimento daquela jovem.

Por que teriam mantido-a tanto tempo presa lá embaixo? Não seria mais fácil ter procurado ajuda médica? Um exorcista? Uma equipe de parapsicólogos?

No entanto, depois pensei que talvez eles até houvessem tentado tudo isto sem sucesso. Quem era eu para julgá-los?

Tranquei a porta do porão e devolvi a chave no exato lugar onde a havia encontrado.

Nunca disse nada a Julia sobre aquela noite, também nunca mais perguntei sobre as idas dela ao porão.

A irmã endemoninhada continua lá embaixo, berrando, contorcendo-se e amaldiçoando-nos. Tenho medo que um dia ela se solte das cordas e mate-nos a nós dois. Tenho medo, medo de verdade, mas meu amor por Julia é maior. E ela jamais poderá me repreender, um dia, quando descobrir quais são os monstros que também guardo no porão.

*Buenos Aires*
*26/11/2011*

# A Coleção de Bonecas

Julieta desfez o embrulho, primeiro o laço de cetim, depois a caixa colorida e o enchimento de papel de seda. A boneca de porcelana jazia ali em silêncio, olhos azuis escancarados, quase perdida entre os panos do vestido.

O pai sorria satisfeito.

— Esta boneca é uma raridade. Item de colecionador.

E Julieta se enquadrava justamente nesta categoria: nas paredes de seu quarto, centenas de bonecas semelhantes vigiavam seu sono, uma mais linda do que a outra, de todas as partes do mundo, desde as de pouco valor até as mais incomuns.

— Obrigada, papai! Ela o abraçou, para enfim desaparecer escada acima, boneca debaixo do braço, mal se contendo para admirá-la.

Jogou-se na cama e acomodou o presente ao seu lado. Deslizou o dedo pela face fria e reluzente, cuidou cada detalhe da roupinha dela, e realizou o último dos rituais — batizá-la.

— Princesa Elizabeth, Julieta decidiu. A boneca tinha ares aristocráticos, nada melhor do que receber também um título nobiliárquico.

Princesa Elizabeth ganhou um lugar de destaque nas prateleiras, bem aos pés da cama de Julieta — o que significou degredo para Carmen, a bonequinha espanhola, realocada num dos cantos vazios —, para que a dona pudesse observá-la ao se deitar.

Mas o olhar de Princesa Elizabeth era incômodo, Julieta logo descobriu. Parecia que ele o acompanhava pelo quarto, enquanto ela se trocava após o banho, ou ao estudar para a prova na escola naquela semana. De sobre sua prateleira, a boneca vigiava, altiva, em silêncio, imóvel.

— Pare! Julieta resmungou para Princesa Elizabeth — Pare de me olhar!

No entanto, a boneca não obedeceu, cada vez menos discreta, nem ao menos escondendo o ódio que brotava através dos dois vidros azuis.

Julieta até chegou a pensar em se desembaraçar dela, jogando-a no baú, para longe da vista, mas teve medo. Não tinha certeza o que exatamente temia, mas suas mãos não conseguiriam tocá-la de novo, uma vez que ela havia sido posta em seu lugar de destaque. Como uma soberana, Princesa Elizabeth havia sido coroada, não seria uma mera súdita quem a deporia.

A menina se deitou com a luz acesa.

No entanto, desta fugidia proteção — a claridade do quarto — Julieta seria privada quando seu pai passou diante do cômodo.

— Quer que eu apague a luz, filha?

Envergonhada do próprio medo, receando um riso sardônico do pai, Julieta concordou.

E assim que a luz se esvaiu, dois lumes pequenos, redondos, azulados, brotaram da prateleira, fitando Julieta. Tomada de calafrios, ela buscou alguma explicação, talvez um feixe de luz vindo da rua através da cortina, para o reflexo nos olhos de Princesa Elizabeth. Não encontrou explanação para isto, tampouco para as piscadelas a cada alguns segundos — a boneca estava viva!

Julieta também passou a ouvir uma respiração lenta e profunda, que se contrapunha a seu arfar em pânico.

— Quem está aí? Julieta sussurrou. Quem está aí?

Sempre sem resposta alguma, sempre senão o silêncio.

E esta agonia se repetiria pelos dias e semanas seguintes: o mesmo olhar frio a cuidá-la, a mesma respiração lenta e impiedosa, a sensação de não estar só, de que algo maligno e terrível a circundava.

No entanto, numa destas noites de desespero, Julieta ouviu um outro som. Alguém cantarolava uma melodia. Na escuridão, violada apenas pelos olhinhos brilhantes de Princesa Elizabeth, Julieta sentiu a presença de alguém.

A garota enfiou a mão sob o travesseiro e retirou uma pequena lanterna — com a qual iluminava sua cabana de lençóis quando queria se esconder. Acendeu-a e a apontou em direção à penteadeira, donde provinha a cantoria.

O feixe de luz revelou uma moça, de costas, penteando longos cabelos negros, mas, no reflexo do espelho nada havia.

— Quem é você? Julieta balbuciou.

A moça se voltou lentamente. Julieta pôde perceber então sua pele flácida e esverdeada, as olheiras negras, o olhar baço.

— Quem é você? A moça da penteadeira retrucou — O que você faz no meu quarto? Ela perguntou, levantando-se.

— Este é o meu quarto! O meu quarto! Me deixe em paz... Julieta chorava, acuada, afastando-se da criatura que vinha em sua direção.

— Não. Veja, até minha boneca favorita está ali, e a moça apontou para Princesa Elizabeth. — Este é o meu quarto. E você vai embora agora!

***

— Que coisa mais horrível! As senhoras sussurravam no velório — Uma menina tão nova morrendo desta maneira estranha.

— Ouvi dizer que ela foi encontrada no canto do quarto, toda encolhida, olhar de desespero, boca escancarada. Ninguém soube explicar a causa da morte, outra dizia.

— Parece que o pai da pobrezinha leiloará a coleção de bonecas dela. Estima-se algo em torno de vinte mil dólares.

Curiosamente, quando o leilão veio a ser realizado, os lances mais altos foram para Princesa Elizabeth — todos queriam para si aquela preciosidade, atraídos pelo irresistível magnetismo que dela emanava.

A jóia de qualquer coleção.

*Nova York*
*15/08/2008*

# Amor Imortal

Eu observo você todas as noites.

Vejo quando você chega em casa e procura a chave na bolsa para entrar em seu prédio. Depois, você abre a porta do apartamento, põe o casaco sobre o encosto da cadeira e as compras no balcão da cozinha. Vejo você indo ao banheiro e, pelo reflexo do espelho, tomando uma ducha. Acompanho-a caminhando seminua até seu quarto, pondo sua camisola e assistindo TV na sala. Então, você apaga a luz do quarto e deita-se para dormir.

O que é o fim do dia para você, para mim é apenas o começo.

Como uma névoa, entro por uma fresta na janela e logo estou ao seu lado, na cama, vendo-a adormecida, respiração profunda, pele branca e veias saltando no pescoço.

Aproximo meus caninos da sua garganta, mas não me movo, apenas sinto o seu calor. Não sou daqueles que busca satisfação imediata, tenho paciência, saberei aguardar seu tempo.

Para sobrevivência, busco as prostitutas do porto, dispostas a dar litros e litros de sangue, se fossem necessários, por meros vinte reais. Mas com você é diferente, é mais do isto.

Você deveria me conhecer, já nos vimos várias vezes antes em seus vernissages, foi numa das suas exposições de pintura que me apaixonei por você, tão bela dando entrevista aos repórteres, tão emotiva nas cores que lançou nas telas. Em duzentos anos, eu nunca havia me sentido assim e, desde que a vi pela primeira vez, venho todas as noites até seu quarto, velando seu sono.

Vou lhe contar tudo que ocorrerá nas próximas semanas.

Amanhã, vamos nos esbarrar numa discoteca e você olhará para mim.

— Desculpe-me, *mademoiselle* — eu lhe direi e você ficará fascinada por meu sotaque francês.

— Já não nos conhecemos? — você me perguntará.

— Eu me lembraria de uma mulher tão linda como você — eu direi, e por mais que seja uma cantada barata, você não se importará.

Conversaremos a noite inteira e você esperará que eu lhe dê um beijo ao nos despedirmos, mas não, beijarei a sua mão e prometerei que nos

encontraremos novamente.

Então, na noite seguinte, eu passarei diante da sua porta no mesmo instante em que você chegar do trabalho. Você me verá e se assustará:

— Que coincidência!

— Você mora aqui? — perguntarei.

— Sim, e você?

— Do outro lado da rua. É o destino — direi.

Você me convidará para entrar e beberemos um vinho juntos, mas penso no seu sangue, em meus dentes cravados nas veias de seu pescoço.

Você tomará a iniciativa e me beijará.

— Tem frio? Sua pele está tão gelada.

Mas eu a calarei com outros beijos e logo estaremos nus em seu quarto.

Não posso lhe dar o prazer que você busca. Ser imortal tem as suas desvantagens e você achará que a culpa é sua.

— Não o excito? — você me perguntará.

— Nada disto. O problema é comigo — eu responderei — Mas posso lhe dar um prazer que você nunca sentiu antes — prometerei — Basta que você feche os olhos.

Você obedecerá, arfando, contorcendo-se de excitação, ansiosa para descobrir o que se sucederá. Eu me aproximarei lentamente de seu pescoço delicado, vou lambê-lo e, enfim, rasgar sua pele com meus dentes, beber o seu sangue e você gemerá, tremendo, agarrando os meus cabelos, num misto de gozo e pavor.

Partirei e durante vários dias não a verei. Você terá medo, ficará aterrorizada que eu retorne, mas numa noite solitária, diante da certeza que me ama e que eu a observo, você sussurrará desde sua cama.

— Sinto sua falta...

E eu entrarei em seu quarto e nos amaremos do meu modo particular.

Aos poucos, sua vida mudará. Você deixará de trabalhar, acordará com o pôr do sol e dormirá quando ele nascer, assim como eu.

Sua família e seus amigos ficarão preocupados, tentarão nos afastar. Então serei obrigado a matá-los um por um, começando por seu pai, aquele desgraçado!

E você será toda minha, o tempo todo, a minha escrava!

Como não quero vê-la morrer, deixando-me sozinho, numa noite proporei que você se torne como eu e você aceitará.

Você será amaldiçoada, assim como eu. Jamais verá a luz do sol

novamente. Verá o mundo se transformar e todas as pessoas que conhece morrerão, mas você continuará jovem.

Seremos duas criaturas da noite, vagando por este mundo por todo o sempre.

Até que, daqui centenas de anos, você me odiará. E eu me arrependerei de tê-la conhecido.

*Buenos Aires*
*26/11/2011*

# Autobiografia

Eu tinha talento, isto ninguém poderia negar.

Meu primeiro professor de piano surgiu na porta de casa quando eu tinha apenas quatro anos, época na qual eu pouco entendia a serventia daquele trambolho na sala e que tudo, inclusive martelar as teclas brancas e pretas, não passava duma grande brincadeira. Aprendi Bach e Czerny, e meu professor se estarreceu diante do meu brilhantismo instantâneo.

A cidade em que eu morava, atolada num provincianismo sufocante, era pequena demais para mim, mas por medo, ou em parte por dominação materna — mamãe sempre me quis a seu lado —, eu jamais pude deixá-la. Um gênio aprisionado à mediocridade.

Os planos para mim também eram mesquinhos, papai queria que eu me tornasse advogado como ele, e assumisse um posto em seu escritório. Cresci dividido entre a minha paixão por música e a obrigação do trabalho burocrático. Todos sabiam exatamente qual deveria ser meu futuro, mas jamais me perguntaram quais sonhos habitavam em mim.

A recusa em cursar a faculdade de Direito foi o motivo da cisma entre mim e papai. Jurou que não queria mais me ver, bastardo que o envergonhara. Mamãe tentou me proteger, mas ela terminou se encolhendo diante da cólera de meu pai.

Expulsou-me de casa, obrigando-me a me refugiar na casa da minha irmã mais velha, contrariando o desgosto que meu cunhado nutria por mim. Ganhei uns trocos tocando em bares, no entanto, logo minhas aspirações de juventude ressurgiram em meus pensamentos, impelindo-me a partir.

— Um parente nosso mora em Nova York, minha irmã se empolgou com a ideia, aproveitando-se da situação para ver-se livre de mim e fazer as pazes com o marido — É um primo de nosso avô, talvez de segundo grau, não tenho certeza. Um milionário. Talvez até se alegre em recebê-lo na casa dele. Sabe como são estes velhos, sempre desejam companhia.

Conseguimos o endereço deste parente com vovô, num dos poucos momentos de sanidade dele, na casa de repouso onde o haviam despejado.

Correspondi-me com este parente, Leonard Morrison, e, para minha felicidade, recebi a resposta. Sr. Morrison manifestou alguma alegria com a

possibilidade de ter-me ao redor, prometendo-me hospedagem, tal qual minha irmã havia previsto.

Parti numa terça-feira, carregando na mala partituras de Rachmaninov e delírios de sucesso. Ninguém foi se despedir de mim na rodoviária. Finalmente, viam-se livres do estorvo.

Deslumbrei-me ao avistar os arranha-céus iluminados da metrópole cheia de vida. Eu estava no coração do mundo, um menino caipira, tímido, talentoso, mas quantos grandes talentos não perambulavam pelas ruas daquela cidade?

O motorista do Sr. Morrison buscou-me numa limusine; um sorriso bobo na cara, imaginei qual seria a reação de meus amigos de infância se me vissem através da janela entreaberta do carro, cruzando o turbilhão da Times Square.

Leonard Morrison morava numa casa de três andares, orçada, creio eu, em algumas dezenas de milhões, fui recebido por este parente no que deveria ser uma sala de leitura, ele fumava um charuto, olhos cerrados:

— Seja bem-vindo, ele murmurou sem remover o charuto da boca, você não imagina que prazer será ter um jovem por perto para me fazer companhia.

— Aposto que o senhor tem muitos amigos, respondi, tentando agradá-lo.

— Você não sabe o que fala. O dinheiro nos afasta das pessoas, sou uma pessoa solitária. Tudo que não preciso é de pessoas me bajulando por causa do que tenho.

Em poucos minutos, eu já começava a me arrepender de estar ali, com aquele velho rancoroso e amargo, mas pensei que talvez ele quisesse me mostrar seu pior, pois, se eu pudesse conviver com isto, eu conseguiria suportar todo o resto.

Fui conduzido a meu quarto pelo mordomo, secundado por Sr. Morrison.

— Você ficará no terceiro andar. Os quartos do segundo andar estão fechados, a casa é grande e não vejo necessidade de manter todos os cômodos mobiliados. Nem sei porque ainda continuo morando aqui e não me mudo para um apartamento menor, mais adequado para mim.

A verdade é que toda a casa estava decadente e mal cuidada. A iluminação era fraca, quase como se as lâmpadas estivessem para queimar, e o papel de parede dos corredores estava descascando.

— Há um piano lá embaixo, toque-o quando quiser. Trará alegria para mim, Sr. Morrison acrescentou, deixando-me a só no meu quarto, para que eu

pudesse descansar da viagem.

O cômodo era pequeno, havia uma cama de solteiro, um abajur, um armário e uma cadeira sem propósito evidente. Não desfiz minhas malas, deitei-me na cama e refleti. O arrependimento havia passado; meu pensamento agora era de que eu havia feito a escolha correta, mas um medo sem propósito foi tomando conta do meu ser. Levantei-me e tentei trancar a porta, mas a chave girava na fechadura sem resultados. Utilizei a cadeira para obstruir a entrada.

Não desliguei o abajur e, um sono leve foi interrompido sucessivas vezes por sons de sirenes e guinchos, que imaginei serem de ratos. Sobre ratos eu já havia sido advertido, a cidade era infestada deles.

No entanto, quando um choro de bebê ecoou pelo corredor da mansão, bem adiante do meu quarto, eu não pude me controlar. Levantei-me e, na ponta dos pés, aproximei-me da porta. A criança chorava.

Não tive coragem de abrir a porta, mas espiei pelo vão, na altura do assoalho, e avistei as mãozinhas e os joelhos se arrastando. Sem dúvida, meus ouvidos não me enganavam, um bebê engatinhava e chorava diante da minha porta.

Retirei a cadeira do trinco e abri uma fresta, mas, incompreensivelmente, o bebê já não estava ali. Estendi a cabeça para fora do quarto e encontrei-o mais adiante, engatinhando pelo corredor.

— Vem aqui, bebê... murmurei, Cadê sua mãe? Mas o bebê prosseguiu em seu caminho, contornando para subir a escada até o terraço.

— Não, não, não! Saí de meu quarto e corri em direção a ele. Contudo, ao chegar na escada, o bebê já havia atingido o último degrau e, com sua pequena mão, abria a porta para o telhado. Neste momento, o bebê olhou em minha direção, convidando-me a segui-lo.

Eu estava diante dum daqueles momentos de decisão absurda: voltar para meu quarto e me esconder debaixo dos lençóis, ou seguir uma criança chorona até o telhado às duas horas da manhã?

Não tenho explicação para isto, mas acredito que haja um senso de perigo, uma curiosidade existencial no ser humano, que nos impele a optarmos pelo mais idiota e inverossímil.

Segui o bebê, escalando o lance de escadas. Não mais o via, deveria estar se arrastando pelo terraço, mas, quando estava na metade do trajeto, ouvi o Sr. Morrison me chamando.

— Onde diabos você está indo? Ele me fitava do corredor lá embaixo.

— Há uma criança no telhado. Receio que ela possa se machucar.

— Uma criança? Não seja ridículo!

Pensei em replicar, mas Sr. Morrison prosseguiu.

— Volte para seu quarto e não saia de lá! E nada de subir no telhado, rapaz, é perigoso, você pode cair e quebrar o pescoço, e, quando desci, ele veio em minha direção e tocou-me, um toque gélido e asqueroso, a nuca — E não quereríamos isto, não é?

Os dias seguintes foram tranquilos e até harmoniosos. De manhã, eu tomava o café-da-manhã na companhia do Sr. Morrison, em seguida, descia ao piano e ensaiava até o horário do almoço, também na presença de meu anfitrião. Depois, eu tinha o dia todo livre, período no qual Leonard Morrison desaparecia no casarão. Só o reencontraria à noite, quando ele se sentava para fumar seu charuto na sala de leitura.

Nestas tardes de ócio, eu aproveitava para perambular pela cidade, assistir a algum musical da Broadway, ou sentava-me numa praça e observava as pessoas, naqueles dias quentes de verão.

O desconforto inicial havia desaparecido e eu já me acostumara à rispidez de Morrison, inclusive, tinha a impressão de que ele me queria bem; prometeu-me que, no dia propício, ele me apresentaria a alguns contatos dele, certo de que poderiam alavancar minha carreira musical. Esta promessa tornou minhas noites longas, sonhando com o estrelato e com a multidão me aplaudindo. Foi nestas noites insones que voltei a ouvir choros de bebês e um ruído estranho no telhado, alguém caminhando, passos que estalavam, mas o Sr. Morrison havia me proibido de subir lá, então eu me continha, rolando sem sono na cama.

Após várias noites sendo atormentado por estes sons, resolvi desvendar quem e o que esta pessoa fazia no telhado. Aguardei, ouvido colado no buraco da fechadura, até identificar passos que subiam a escada. Uns quinze minutos depois, deixei meu quarto e, vagarosamente, escalei os degraus.

O vento fazia com que a porta para o terraço oscilasse. Foi através deste abre e fecha que vislumbrei Leonard Morrison, acocorado, lanterna numa das mãos e caneta hidrográfica na outra, escrevia algo no piso do telhado.

Como se intuísse minha presença, Sr. Morrison olhou na direção da porta, mas recuei, permanecendo estático, oprimido pelo uivo do vento que vinha de fora e pelo silêncio que assombrava de dentro. Tive medo de que o Sr. Morrison viesse até onde eu estava e me encontrasse ali, espiando-o, mas isto

não ocorreu. Ouvi o som da caneta cantando contra o chão rugoso.

Cuidadosamente, retornei ao meu quarto, ainda mais perturbado com a cena que havia flagrado.

— Você acredita em Deus, rapaz? — Sr. Morrison me indagou, enquanto líamos na biblioteca.

— Claro que sim! — respondi, convicto.

— E como você explicaria a existência de tanto mal no mundo? — ele me fitava com olhar frio.

— Não sei... Talvez precisamos do mal para reconhecermos o bem.

— Será que Deus não criou o mal para aterrorizar suas criaturas? Para passar-lhes a seguinte mensagem: Eu sou o Todo-Poderoso, encolha-se diante de mim, senão esmago-te.

— Isto não faz sentido, Sr. Morrison, pelo menos não é o que está na Bíblia.

— Ah, a Bíblia, tolices! Se você soubesse qual é o verdadeiro livro... — ele se calou, senti que algo o incomodava.

— O senhor está bem?

— Não, rapaz, estou ficando cego. As trevas estão me consumindo.

— Sinto muito, eu não sabia, aproximei-me dele e me ajoelhei ao lado da poltrona onde ele estava sentado.

— Jamais poderei concluir minha autobiografia. O nada, o breu me dominará antes disto.

— Mas isto não é culpa de Deus, resmunguei.

Sr. Morrison segurou minha mão com força, com uma potência desproporcional a seu frágil corpo, e retrucou.

— Se Ele existir, tudo é culpa Dele.

Aquele diálogo havia sido insólito. Seria a escrita noturna no telhado a autobiografia de Leonard Morrison?

Decidi-me que descobriria o segredo do meu anfitrião, por isto, numa tarde, quando Sr. Morrison saiu sendo guiado pelo motorista, corri para o telhado e obtive a revelação: todo o terraço, duma ponta a outra, estava povoado de caracteres, palavras, frases, parágrafos. A narrativa começava no canto superior esquerdo, em sentido noroeste, e se estendia, em colunas. Havia apenas um trecho sem preenchimento, com uns dois metros quadrados. Imaginei que aquelas eram as “páginas” que faltavam ser escritas para o fim

do livro.

Iniciei a leitura, em ordem cronológica. Leonard Morrison não era um grande prosador e as primeiras duas colunas foram dedicadas à infância e adolescência dele, filho dum banqueiro milionário, discriminado pelos colegas de escola por sua franzina constituição e pelos óculos de grossas lentes. Perdi um par de horas lendo este trecho, mas ouvi o som dum automóvel estacionando e, de sobre o telhado, constatei que era o dono do casarão quem chegava.

Fui até a sala do piano e fingi estar absorto em meus estudos, tudo que não queria era levantar suspeitas e, até aquele momento, havia sido bem sucedido.

Anoiteceu.

Desci até a despensa e encontrei uma lanterna. Fui ao telhado e rompendo a escuridão com meu feixe de luz, prossegui na leitura. Foi me dado conhecer que Leonard Morrison foi iniciado no sexo durante uma viagem às Filipinas, instigado por seu pai. Ele viajou o mundo, primeiro na companhia de seus pais, depois, amparado pela fortuna da família, por conta própria — percorreu a Ásia, a África e toda a Europa, morou em Paris, Londres, Barcelona e Istambul —, casou-se três vezes, mas estéril, jamais teve um herdeiro.

Eu tinha trinta anos quando conheci Eudora, a mulher que dominou meu desejo e meus pensamentos.

Foi Eudora quem apresentou Leonard Morrison aos membros da Sociedade do Pentagrama Argênteo.

Meu pai era um cético, cientista meticuloso, cérebro inquieto, foi ele quem me instigou a questionar todas as verdades, todas as crenças estúpidas. Minha mãe era devota de São Patrício, mas ia à Igreja às escondidas, com medo da reação do marido. Foi muito mais fácil seguir o exemplo de meu pai, não acreditar.

No entanto, o que meus olhos viram na companhia dos meus confrades da Sociedade não suportaria descrença. Deus não se manifestou, mas toda a sorte de criaturas infernais, demônios, íncubus, aparições fantasmagóricas estiveram presentes em nossas reuniões. Fundando-me numa lógica simples, concluí: se estas criaturas diabólicas existem, ergo Deus também existe.

Mas Leonard Morrison não viu razão para adorar a Deus, a atração pelo mal era muito maior, segundo suas palavras. Deus concedia amor aos Homens, o Diabo proporcionava riquezas, satisfação sexual, poder... A

promessa de Deus era para além da morte; a promessa de Satanás era para esta vida. Para ele, não houve dúvida sobre qual deveria escolher.

Nesta mesma casa, eu e meus confrades imolamos nossa primeira oferenda a nosso senhor. Ludwig me instruiu a calar o bebê com fita isolante, para que os vizinhos não ouvissem o choro na madrugada. Que prazer tive ao cravar o punhal no peito nu do infante! Era como se o próprio senhor guiasse minha mão.

Aquilo me estarreceu. Se o relato fosse verdadeiro, eu estava numa casa onde sacrifícios humanos haviam sido perpetrados. Veio-me a lembrança do bebê no corredor e todos os pêlos do meu corpo se eriçaram.

Ajoelhei-me no chão, não sabia o que fazer, tremia, não queria continuar lendo a história, tinha medo do que estava por vir. Amanhã mesmo eu juntaria meus trapos e voltaria para casa. Amanhã? Que nada, agora!

Todavia, antes de partir, resolvi ler os últimos trechos da autobiografia, e encontrei meu nome lá.

Meu corpo está fraco, minha alma está morrendo, o Senhor das Trevas me chama. Vivi tudo que poderia ter vivido, ele foi bom comigo. Este rapaz será meu sucessor. Preciso instruí-lo antes que meu tempo se esgote. Talvez ele relute, mas toda a glória que meu senhor pode lhe proporcionar o convencerá.

Ouvi a porta do terraço se abrindo. Fixei a luz da lanterna naquela direção e revelei Leonard Morrison.

— Então você descobriu, mas ele não parecia surpreso. Isto me poupará trabalho. Agora que sabe, decida-se.

— Você é louco? — gritei. Você matou crianças, seu desgraçado!

— Que diferença isto faz? — ele me perguntou — Modifica alguma coisa na sua existência saber que crianças morrem de fome todos os dias na Nigéria? Que, na China, meninas são largadas em becos para a morte? Que, no Afeganistão, crianças que mal andam sucumbem a tiros de fuzil? Pelo menos, as que se esvaíram em minhas mãos tiveram alguma serventia.

— Serventia? Seu doente! — avancei na direção dele, decidido a apanhar minhas tralhas e ir embora daquele antro, mas fui detido pelo gesto de Morrison, ele revelou um punhal que trazia.

— Daqui, você só sai morto, ele me disse, e, mesmo ele sendo um velho, temi confrontá-lo. Leonard Morrison caminhou até mim, mas recuei, até atingir a borda do telhado.

— Deixe-me ir... — eu quase chorava, mas nada o dissuadiria, ele

continuou se aproximando. A minha única reação foi enfrentá-lo. Tentei segurar-lhe o braço, talvez desarmá-lo, mas ele era forte e, com dedos esquálidos quais garras, ele atacou minha garganta, sufocando-me. Ambos caímos no chão, ele largou a adaga, que desapareceu nas trevas, Morrison sibilava, parecia estar possuído por alguma entidade demoníaca. Defendi-me com todas minhas forças, ele me arranhou o rosto, eu esmurrei-lhe a cara. Levantamo-nos, ainda engalfinhados, empurrei Morrison, que se desequilibrou e se projetou para além da beirada do terraço.

O grito dele se tornou distante, até desaparecer.

Na calçada diante do casarão, o corpo de Leornad Morrison embebido em sangue, as mãos em garra, o olhar morto como que fixo em mim.

Fui interrogado exaustivamente pela polícia, eles tiraram inúmeras fotos da autobiografia de Leonard Morrison, abriram os quartos que estavam lacrados e encontraram indícios de sangue. Liguei para meu pai e relatei o que havia acontecido. Ele me prometeu que viria até a cidade e me ajudaria; como advogado, assegurou-me eu havia agido em legítima defesa. Havia me perdoado nesta hora de grandes dificuldades.

Quando a polícia me liberou, hospedei-me num hotelzinho barato na rua 38 com a Lexington.

Estava tão aquebrantado que, mesmo apesar da experiência terrível, logo caí no sono. Num estado de semiconsciência, tive a impressão de ouvir alguns sons, semelhantes ao de alguém escrevendo a bico de pena numa folha em branco. O cansaço me impedia de acordar, talvez fosse um pesadelo, mas que me atormentou durante toda a noite.

O telefone do quarto tocou, o recepcionista me avisava que meu pai estava no saguão.

— Fale para ele subir.

Descobri-me dos lençóis.

Perdi a respiração, meu coração quase em suspensão, meus membros trêmulos, e, quem me visse, repararia nos meus olhos desesperados, percorrendo as paredes do meu quarto. Cada centímetro, da parede ao teto, no chão, estava recoberto por letras, palavras, frases. E não somente isto, em meu corpo, a autobiografia de Leonard Morrison também havia sido escrita, em meus braços, pernas, torso, costas, no rosto.

A promessa do demônio a quem ele servira vigorava para além da vida. Acredito que lhe foi concedido um último pedido antes da morte: concluir

sua obra.

E esta obra — satânica, macabra, terrível — sou eu.

*Nova York*
*31/01/2008*

**Henry Alfred Bugalho** é formado em Filosofia e especialista em Literatura e História. Autor de “O Canto do Peregrino” (Editora Com-Arte/USP), “O Rei dos Judeus”, “O Covil dos Inocentes” e “O Homem Pós-Histórico”. Editor da Revista SAMIZDAT e fundador da Oficina Editora.
Mora atualmente em Buenos Aires, com sua esposa e sua cachorrinha.